ESPECIAL

PLACAR

A SAGA DA Jules Rimet

A HISTÓRIA DAS COPAS DE 1930 A 1970

POR MAX GEHRINGER

Abril

fascículo 6 ◀ 1958 SUÉCIA

A taça do mundo é nossa

Garrincha com a taça: o Brasil nunca perdeu com ele e Pelé juntos em campo

NELSON COELHO

Foi uma comemoração de lavar a alma. Depois de vencer os donos da casa na decisão da Copa de 1958, nossos craques embarcaram num DC-7 em Estocolmo e (numa época em que a autonomia de vôo era bem menor) vieram celebrando em cada uma das quatro paradas técnicas (Londres, Paris, Lisboa e Recife) até chegar ao Rio de Janeiro, onde o presidente Juscelino Kubitschek e uma multidão ensandecida aguardavam os campeões. A semifinal e a final foram realizadas simultaneamente com as festas juninas e os fogos de artifício se acabaram por aqui, conta Max Gehringer no texto em que descreve a viagem de volta da Seleção. Na sexta edição do Mundial, podíamos enfim gritar que a taça é nossa. Uma conquista sensacional, que abriu as portas para a mais vitoriosa trajetória de um país no cenário futebolístico. Uma glória que só foi possível graças a dois gênios da bola, Garrincha e Pelé, que nunca foram derrotados quando entraram em campo juntos com a camisa da Confederação Brasileira de Desportos – e despontaram para o planeta justamente nos gramados da Suécia. Neste fascículo da saga da Jules Rimet, você vai acompanhar todos os preparativos do escrete verde-e-amarelo, da eleição de João Havelange como presidente da CBD às inovações criadas por Paulo Machado de Carvalho, o chefe da delegação, passando pelos shows nos jogos amistosos e pela angústia de ver Pelé machucado e Garrincha no banco nas primeiras apresentações na Copa. Assim como as edições anteriores desta série, esta também traz o tabelão com as 35 partidas disputadas nos estádios suecos e um pequeno perfil de cada um dos 11 heróis do título. E o melhor é que o verso "Com brasileiro não há quem possa" parecia mesmo verdadeiro, como vamos conferir no mês que vem, quando Max vai relatar em detalhes a conquista do bi, no Chile.

Max Gehringer

foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fascículo 1 Uruguai **1930**
Fascículo 2 Itália **1934**
Fascículo 3 França **1938**
Fascículo 4 Brasil **1950**
Fascículo 5 Suíça **1954**
Fascículo 6 Suécia 1958
Fascículo 7 Chile **1962**
Fascículo 8 Inglaterra **1966**
Fascículo 9 México **1970**

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

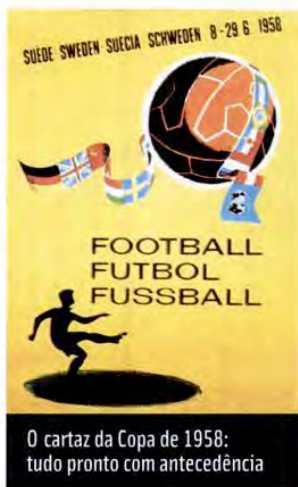
Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Editor de Arte:** Rodrigo Maroja
Editores: Gian Oddi, Maurício Ribeiro de Barros
Coordenação: Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Virgilio Sousa
Colaboraram nesta edição
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Votre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa

www.placar.com.br

Testado e aprovado

Apesar da morte de três de seus pioneiros, a Fifa seguiu a receita da Copa de 1954, na Suíça, para garantir o sucesso do Mundial de 1958, na Suécia

A Suécia foi apontada (provisoriamente) como sede da Copa de 1958 com dez anos de antecedência, no Congresso da Fifa de 1948, em Luxemburgo. A decisão acabou oficializada em 1954, sem contestações, em Zurique (Suíça). Logo em seguida, porém, três dos grandes pioneiros da Fifa morreram: em 7 de outubro de 1955, aos 78 anos, o belga Rodolphe Seeldrayers, que presidia a entidade desde novembro de 1954; em 9 de novembro de 1955, aos 72 anos, o francês Henri Delaunay; e em 16 de outubro de 1956, aos 83 anos, o também francês Jules Rimet, seu primeiro presidente (de 1921 a 1954). Com a morte de Seeldrayers, o comando passou para o britânico Arthur Drewry, de 64 anos. E ele, para não correr riscos na organização da primeira Copa sob sua gestão, entregou-a ao suíço Ernst Thommen, que havia feito um excelente trabalho no Mundial de 1954. A Thommen se juntaram dois suecos – Holger Bergerus e Gunnar Lange – e os já experientes Ottorino Barassi, italiano, Lorenzo Villizio, uruguaio, e Karel Lotsy, holandês. Também estavam no comitê organizador o inglês Stanley Rous (que se tornaria presidente da Fifa em 1961) e o soviético Valentin Granatkin (já que o peso dos países socialistas na geopolítica da época não podia ser ignorado). Como a **Guerra Fria** estava esquentando, onde havia um soviético tinha de haver um americano. E Jim McGuire, da Federação de Soccer dos Estados Unidos, entrou para o comitê, embora o futebol na terra do Tio Sam estivesse capengando.

O cartaz da Copa de 1958: tudo pronto com antecedência

Terminada a Segunda Guerra, as duas superpotências (União Soviética e Estados Unidos) entraram num "estado permanente de tensão e hostilidade". A chamada Guerra Fria teve seu auge nos anos 1960, com uma desenfreada corrida armamentista. E, por mais que os temores de um conflito nuclear não se tenham confirmado, o clima de confronto iminente dominou o mundo até 1990, quando Mikhail Gorbachev iniciou o desmanche do estado soviético.

A SUÉCIA EM 1958

Dois milênios de história

Em 1958, a Suécia já era um país com quase 1 900 anos de história: suas origens, o Reino de Svea, remontam ao ano 100 da era cristã. No século 14 o país estava unido com a Dinamarca e a Noruega sob o domínio dinamarquês. Em 1527, uma revolta liderada por Gustav I Vasa deu origem à Suécia moderna. No ano de 1658 as três províncias mais ao sul da península (Skane, Halland e Blekinge, que eram parte da Dinamarca) foram conquistadas. E em 1814 algumas áreas da atual Finlândia foram perdidas para a Rússia, dando a forma atual ao território sueco. No ano da Copa do Mundo, 1958, a Suécia tinha 7 milhões de habitantes, dos quais 1 milhão na capital, Estocolmo. Hoje, a Suécia é uma monarquia constitucional (a rainha, Sílvia, nasceu no Brasil) e o país é membro da Comunidade Européia desde 1995. Uma de suas principais atrações turísticas é o sol da meia-noite, que pode ser observado nos meses de verão.

Presunto
só o melhor,
só Sadia

A geopolítica da bola

Dos 95 países filiados à Fifa em 1957, 51 se inscreveram para as eliminatórias. Desse total, 27 europeus brigaram por dez vagas. E 24 seleções dos outros continentes tiveram de se contentar com apenas quatro chances de ir ao Mundial da Suécia

Em 1954, a Fifa tinha 80 países filiados. Em 1957, já eram 95. E 51 se inscreveram para as eliminatórias de 1958. A Europa, mais uma vez, ficaria com o maior número das 14 vagas em disputa: nove. Da América do Sul sairiam três classificados. As Américas Central e do Norte teriam só um representante. E o último país selecionado viria da região africano-asiática. Como a campeã, Alemanha Ocidental, e o país-sede, Suécia, também eram europeus, a Copa de 1958 seria, novamente, um torneio mais regional do que mundial, com 11 dos 16 participantes do Velho Continente. E, como se veria mais tarde, os 11 se tornaram 12.

GRUPO 1 – *DINAMARCA, INGLATERRA e REPÚBLICA DA IRLANDA*

REPÚBLICA DA IRLANDA 2 x 1 DINAMARCA
DUBLIN, 3 DE OUTUBRO DE 1956
INGLATERRA 5 x 2 DINAMARCA
WOLVERHAMPTON, 5 DE DEZEMBRO DE 1956
INGLATERRA 5 x 1 REPÚBLICA DA IRLANDA
LONDRES, 8 DE MAIO DE 1957
DINAMARCA 1 x 4 INGLATERRA
COPENHAGUE, 15 DE MAIO DE 1957
REPÚBLICA DA IRLANDA 1 x 1 INGLATERRA
DUBLIN, 19 DE MAIO DE 1957
DINAMARCA 0 x 2 REPÚBLICA DA IRLANDA
COPENHAGUE, 2 DE OUTUBRO DE 1957

Foi a estréia internacional da Seleção Dinamarquesa. Mas, com quatro derrotas em quatro jogos, ela foi sumariamente eliminada (e levou 30 anos para conseguir alguma projeção no futebol). A decisão ficou entre República da Irlanda e Inglaterra e o jogo decisivo foi dramático. A Inglaterra já tinha três vitórias. E a República da Irlanda, com uma vitória e uma derrota, precisava vencer para manter suas chances. Os irlandeses fizeram 1 gol aos 3 minutos do primeiro tempo e seguraram bravamente o resultado durante 86 minutos. Até que, aos 44 minutos do segundo tempo, John Atyeo conseguiu o empate e classificou a Inglaterra para a Copa. Mas nove meses depois – e três meses antes do Mundial – o futebol inglês foi abalado por uma tragédia. Em 6 de fevereiro de 1958, a delegação do Manchester United voltava para casa, após empatar em 3 x 3 com o Estrela Vermelha, em Belgrado, pela Copa dos Campeões Europeus, e o avião fez uma escala em Munique, Alemanha Ocidental. O pouso foi normal, mas o acúmulo de neve e gelo na pista fez o piloto se perder na decolagem e a aeronave caiu 3 minutos depois de levantar vôo, espatifando-se sobre as casas próximas ao aeroporto. Dos 44 passageiros, 23 morreram, incluindo 8 jogadores. E dois deles eram vitais para a Seleção Inglesa: Duncan Edwards, de 21 anos, e Tommy Taylor, de 25 (o artilheiro do grupo 1, com 8 gols). Entre os sobreviventes, estavam o goleiro Gregg – que disputou a Copa pela Irlanda do Norte – e Bobby Charlton, que se tornaria campeão mundial em 1966.

GRUPO 2 – *BÉLGICA, FRANÇA e ISLÂNDIA*

FRANÇA 6 x 3 BÉLGICA
PARIS, 11 DE NOVEMBRO DE 1956
FRANÇA 8 x 0 ISLÂNDIA
NANTES, 2 DE JUNHO DE 1957
BÉLGICA 8 x 3 ISLÂNDIA
BRUXELAS, 5 DE JUNHO DE 1957
ISLÂNDIA 1 x 5 FRANÇA
REIKJAVIK, 1º DE SETEMBRO DE 1957
ISLÂNDIA 2 x 5 BÉLGICA
REIKJAVIK, 4 DE SETEMBRO DE 1957
BÉLGICA 0 x 0 FRANÇA
BRUXELAS, 27 DE OUTUBRO DE 1957

Como se esperava, a Islândia entrou na disputa só para fazer número – e levar goleadas (em quatro jogos, tomou 26 gols). França e Bélgica decidiram o grupo. O herói da primeira partida, disputada em Paris, foi o atacante Thadée Cisowski, polonês naturalizado francês, autor de 5 dos 6 gols. No jogo de volta, em Bruxelas, quem garantiu o empate em 0 x 0 que classificou a França foram o goleiro Claude Abbes e o zagueiro Mustapha Zetouni. Mas Zetouni, que era argelino, abandonou a Seleção antes da Copa. Na Argélia, grupos guerrilheiros vinham travando combates contra o domínio francês desde 1954 e, no início de 1958, a situação ficou insustentável. Outros dois argelinos, Said Brahmini e Rachid Mekhloufi, também deixaram a Seleção e voltaram para seu país. O Marrocos, outra ex-colônia francesa, se tornara independente em 1956, mas o marroquino Just Fontaine já havia sido expatriado para a França. Fontaine, que foi o artilheiro da Copa de 1958, jogava pelo Stade de Reims, mas não disputou as eliminatórias. Ele só foi convocado porque o titular Cisowski fraturou a perna jogando por seu clube, o Racing de Paris.

GRUPO 3 – *BULGÁRIA, HUNGRIA e NORUEGA*

NORUEGA 1 x 2 BULGÁRIA
OSLO, 22 DE MAIO DE 1957
NORUEGA 2 x 1 HUNGRIA
OSLO, 12 DE JUNHO DE 1957
HUNGRIA 4 x 1 BULGÁRIA
BUDAPESTE, 23 DE JUNHO DE 1957
BULGÁRIA 1 x 2 HUNGRIA
SÓFIA, 15 DE SETEMBRO DE 1957
BULGÁRIA 7 x 0 NORUEGA
SÓFIA, 3 DE NOVEMBRO DE 1957

HUNGRIA 5 X 0 NORUEGA
BUDAPESTE, 10 DE NOVEMBRO DE 1957
Mesmo após a derrota para a Alemanha por 3 x 2 na final de 1954, a Hungria continuou a brilhar: nas 23 partidas internacionais disputadas em 1954 e 1955, foram 20 vitórias e 3 empates. Mas em 1956 as coisas começaram a mudar. A instabilidade política influiu no desempenho da Seleção e vieram três derrotas. Em outubro de 1956, após a invasão de Budapeste pelos tanques soviéticos, a Seleção se desmanchou, mas conseguiu vencer a Bulgária duas vezes e se garantiu na Copa, apesar de não ser mais considerada uma das favoritas.

GRUPO 4 – *ALEMANHA ORIENTAL, PAÍS DE GALES e TCHECOSLOVÁQUIA*

PAÍS DE GALES 1 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA
CARDIFF, 1º DE MAIO DE 1957
ALEMANHA ORIENTAL 2 x 1 PAÍS DE GALES
LEIPZIG, 19 DE MAIO DE 1957
TCHECOSLOVÁQUIA 2 x 0 PAÍS DE GALES
PRAGA, 26 DE MAIO DE 1957
TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 1 ALEMANHA ORIENTAL
BRNO, 16 DE JUNHO DE 1957
PAÍS DE GALES 4 x 1 ALEMANHA ORIENTAL
CARDIFF, 25 DE SETEMBRO DE 1957
ALEMANHA ORIENTAL 1 x 4 TCHECOSLOVÁQUIA
LEIPZIG, 27 DE OUTUBRO DE 1957

Depois do susto na estréia, quando perdeu para o País de Gales em Cardiff, a Tchecoslováquia conseguiu três vitórias e se classificou. Não foi surpresa, porque os concorrentes eram fracos. A Alemanha Oriental havia disputado apenas uma dúzia de jogos internacionais. Mas os melhores times alemães tinham ficado do lado Ocidental (tanto que a Fifa determinou que os jogos disputados pela Alemanha antes da divisão constariam no currículo da Alemanha Ocidental). Já Gales é um principado e não participa das Olimpíadas como nação autônoma, mas no futebol ganhou o status de nação por ter sido uma das quatro associações que, no século 19, fundaram a FA britânica. Embora tenha ficado em segundo lugar, Gales se beneficiou das trapalhadas na zona asiática e acabou disputando a Copa (e enfrentando o Brasil, nas quartas-de-final).

GRUPO 5 – *ÁUSTRIA, HOLANDA e LUXEMBURGO*

ÁUSTRIA 7 x 0 LUXEMBURGO
VIENA, 30 DE SETEMBRO DE 1956
HOLANDA 4 x 1 LUXEMBURGO
ROTERDÃ, 20 DE MARÇO DE 1957
ÁUSTRIA 3 x 2 HOLANDA
VIENA, 26 DE MAIO DE 1957
HOLANDA 5 x 2 LUXEMBURGO
ROTERDÃ, 11 DE SETEMBRO DE 1957
HOLANDA 1 x 1 ÁUSTRIA
AMSTERDÃ, 25 DE SETEMBRO DE 1957

LUXEMBURGO 0 x 3 ÁUSTRIA
LUXEMBURGO, 29 DE SETEMBRO DE 1957
A Holanda era uma Federação quase amadora e Luxemburgo entrava nas disputas mais como diversão (para os adversários). Já a Áustria havia ganho o terceiro lugar em 1954. Mas a classificação não foi tão fácil. No primeiro jogo contra a Holanda, os austríacos só conseguiram a virada aos 44 minutos da etapa final, quando o juiz transformou uma falta fora da área em pênalti. No jogo de volta, em Amsterdã, a Áustria abriu o marcador no primeiro tempo e a Holanda empatou aos 15 minutos da etapa final. Aí, a defesa austríaca agüentou o rojão até o fim, garantindo a vaga.

GRUPO 6 – *FINLÂNDIA, POLÔNIA e UNIÃO SOVIÉTICA*

UNIÃO SOVIÉTICA 3 x 0 POLÔNIA
MOSCOU, 23 DE JUNHO DE 1957
FINLÂNDIA 1 x 3 POLÔNIA
HELSINQUE, 5 DE JULHO DE 1957
UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 1 FINLÂNDIA
MOSCOU, 27 DE JULHO DE 1957
FINLÂNDIA 0 x 10 UNIÃO SOVIÉTICA
HELSINQUE, 15 DE AGOSTO DE 1957
POLÔNIA 2 x 1 UNIÃO SOVIÉTICA
CHORZOW, 20 DE OUTUBRO DE 1957
POLÔNIA 4 x 2 FINLÂNDIA
VARSÓVIA, 3 DE NOVEMBRO DE 1957

UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 0 POLÔNIA
LEIPZIG, 24 DE NOVEMBRO DE 1957
A União Soviética havia sido campeã olímpica de futebol em 1956 e era favorita. Como o bloco comunista se escondia atrás de sua Cortina de Ferro, pouco se sabia sobre os métodos de treinamento soviéticos. Isso levou a imprensa ocidental a especular que eles praticavam um "futebol de laboratório, cientificamente programado". Dentro de campo, entretanto, a disputa entre União Soviética e Polônia terminou igual, forçando um jogo extra na Alemanha Oriental. E os soviéticos ganharam por 2 x 0, com 1 gol de Strelzov aos 29 minutos do primeiro tempo e outro de Fedosov aos 30 minutos do segundo tempo. Os programados soviéticos foram à Suécia – onde encontraram o Brasil, a antítese do futebol científico.

MAIS UMA COPA EUROPÉIA

GRUPO 7 – *GRÉCIA, IUGOSLÁVIA e ROMÊNIA*

GRÉCIA 0 x 0 IUGOSLÁVIA
ATENAS, 5 DE MAIO DE 1957
GRÉCIA 1 x 2 ROMÊNIA
ATENAS, 16 DE JUNHO DE 1957
ROMÊNIA 1 x 1 IUGOSLÁVIA
BUCARESTE, 29 DE SETEMBRO DE 1957
ROMÊNIA 3 x 0 GRÉCIA
BUCARESTE, 3 DE NOVEMBRO DE 1957
IUGOSLÁVIA 4 x 1 GRÉCIA
BELGRADO, 10 DE NOVEMBRO DE 1957
IUGOSLÁVIA 2 x 0 ROMÊNIA
BELGRADO, 17 DE NOVEMBRO DE 1957

Os iugoslavos, fazendo jus à sua tradição em Copas, se classificaram com duas vitórias em casa e dois empates fora. A Romênia – que joga o futebol mais sul-americano da Europa – perdeu a chance de conseguir a vaga quando só empatou com a Iugoslávia em Bucareste. No jogo de volta, em Belgrado, 2 gols no segundo tempo, ambos marcados pela grande estrela iugoslava, Milos Milutinovic, garantiram a classificação.

GRUPO 8 – *IRLANDA DO NORTE, ITÁLIA e PORTUGAL*

PORTUGAL 1 x 1 IRLANDA DO NORTE
LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 1957
ITÁLIA 1 x 0 IRLANDA DO NORTE
ROMA, 25 DE ABRIL DE 1957
IRLANDA DO NORTE 3 x 0 PORTUGAL
BELFAST, 1º DE MAIO DE 1957
PORTUGAL 3 x 0 ITÁLIA
LISBOA, 26 DE MAIO DE 1957
ITÁLIA 3 x 0 PORTUGAL
MILÃO, 22 DE DEZEMBRO DE 1957
IRLANDA DO NORTE 2 x 1 ITÁLIA
BELFAST, 15 DE JANEIRO DE 1958

No começo, tudo parecia normal. A favorita Itália venceu a Irlanda do Norte, em Roma. E os irlandeses praticamente eliminaram Portugal com um empate em Lisboa e uma vitória em Belfast. O jogo seguinte seria entre Portugal e Itália, mas 15 dias antes as coisas começaram a desandar para os italianos. Num amistoso com a Iugoslávia, a Itália tomou uma surra histórica de 6 x 1 e a gritaria popular fez com que cinco novos jogadores fossem chamados para enfrentar Portugal. Dentre eles, um velho conhecido dos brasileiros, o uruguaio Alcides Ghiggia, o carrasco do Maracanã em 1950, então naturalizado italiano. Mesmo assim, Portugal enfiou 3 x 0 na Itália, gols de Vasques, Teixeira e Mateu (os dois últimos aos 38 e 42 minutos do segundo tempo). O resultado obrigava a Itália a, no mínimo, empatar com a Irlanda do Norte em Belfast. E o jogo, em 4 de dezembro de 1957, realmente terminou empatado, em 2 x 2. Mas não valeu. O juiz escalado, o húngaro Istvan Zsolt, ficou retido no aeroporto de Londres por causa da neblina e não chegou a tempo. Seu substituto seria um árbitro local e a Itália, evidentemente, não concordou. Como 50 000 irlandeses já estavam no estádio Windsor Park, os italianos impuseram – e a Fifa aceitou – que o jogo fosse realizado, mas como amistoso. E uma nova partida foi marcada para 15 de janeiro de 1958, no mesmo local. Em 22 de dezembro de 1957, a Itália se vingou de Portugal, devolvendo em Milão os 3 x 0 de Lisboa. Assim, a Itália, com 4 pontos ganhos, viajou precisando só do empate. Os irlandeses, com 3 pontos, necessitavam da vitória. A Azzurra formou novamente a famosa ala direita uruguaia de 1950, Ghiggia-Schiaffino, ambos *oriundi*. E na ponta esquerda entrou um brasileiro, Dino da Costa, que o Botafogo vendera em 1955 para a Roma (onde os italianos descobriram um ancestral para Dino da Costa até hoje é um mistério). Mas nada disso adiantou: em menos de meia hora, a Irlanda do Norte fez 2 x 0. A Itália diminuiu aos 11 minutos do segundo tempo, mas logo em seguida Ghiggia foi expulso e os irlandeses seguraram valentemente o resultado até o apito final. A Itália estava fora da Copa de 1958. E Ghiggia e Schiaffino nunca mais jogaram juntos.

GRUPO 9 – *ESCÓCIA, ESPANHA e SUÍÇA*

ESPANHA 2 x 2 SUÍÇA
MADRI, 10 DE MARÇO DE 1957
ESCÓCIA 4 x 2 ESPANHA
GLASGOW, 8 DE MAIO DE 1957
SUÍÇA 1 x 2 ESCÓCIA
BASILÉIA, 19 DE MAIO DE 1957
ESPANHA 4 x 1 ESCÓCIA
MADRI, 26 DE MAIO DE 1957
ESCÓCIA 3 x 2 SUÍÇA
GLASGOW, 6 DE NOVEMBRO DE 1957
SUÍÇA 1 x 4 ESPANHA
LAUSANNE, 24 DE NOVEMBRO DE 1957

Antes das eliminatórias, a Espanha era apontada como uma das fortes favoritas para vencer a Copa. E isso se devia à força do Real Madrid, bicampeão europeu de clubes em 1955-1956 (e que seria penta, vencendo todos os torneios até 1959). Era uma equipe cheia de estrelas, como o argentino Alfredo Di Stefano, considerado o melhor jogador do mundo. Para as eliminatórias, além de Di Stefano, também o húngaro Ladislav Kubala e o paraguaio Heriberto Herrera ganharam a cidadania espanhola. Assim, unindo as forças de Real Madrid e Barcelona, e mais alguns craques de outras equipes, a Espanha parecia invencível. Mas no primeiro jogo, em Madri, contra a apenas regular Suíça, a máquina espanhola não funcionou. Apesar de ter 14 escanteios a favor e nenhum contra, o time da casa ficou no 2 x 2. E as coisas pioraram no jogo seguinte: em Glasgow, a Escócia venceu por 4 x 2, apesar do "ataque dos sonhos" do time espanhol: Miguel, Kubala, Di Stefano, Suarez e Gento. Com a derrota, os espanhóis não dependiam apenas de si mesmos para se classificar: precisavam torcer para que a Suíça tirasse no mínimo um pontinho da Escócia. Mas os escoceses bateram os suíços em Basel e em Glasgow. E, surpreendentemente, foram para a Copa, deixando a Espanha de fora.

GRUPO 10 – *BRASIL, PERU e VENEZUELA*

PERU 1 x 1 BRASIL
MOSCOU, 23 DE JUNHO DE 1957

BRASIL 1 x 0 PERU
HELSINQUE, 5 DE JULHO DE 1957

Em março de 1957, um mês antes do início dos jogos, a Venezuela comunicou sua desistência à Fifa. Assim, apenas Brasil e Peru disputaram a vaga. No Campeonato Sul-Americano de 1957, em Lima, o Brasil vencia o Peru por 1 x 0 quando, aos 28 minutos do segundo tempo, o jogo foi suspenso após uma briga entre os jogadores. Os peruanos queriam uma nova partida, mas a Federação Sul-Americana confirmou a vitória brasileira por 1 x 0, gerando um clima de revolta no país. Exatos 13 dias depois o Brasil voltou ao estádio Nacional para encarar novamente os irritados peruanos, agora pelas eliminatórias. O Brasil sofreu, mas conseguir um empate (1 x 1, gols de Alberto Terry para o Peru, aos 38 minutos do primeiro tempo, e Índio para o Brasil, aos 2 minutos do segundo tempo). No jogo de volta, no Maracanã, o Brasil conseguiu a vaga para a Copa com 1 gol de falta de Didi logo aos 10 minutos do primeiro tempo – uma "folha seca" que deixou o goleiro Rafael Asca estático no centro do gol, enquanto a bola descaía no ângulo esquerdo. A defesa brasileira era praticamente a que jogaria a final da Copa: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Zózimo e Nilton Santos. O meio de campo era formado por Didi e Roberto Belangero. E o ataque tinha como base o Flamengo, tricampeão carioca de 1953, 1954 e 1955, com Joel, Evaristo e Índio. Mas o ponta-esquerda do Flamengo, Zagalo, acabou não sendo escalado: Garrincha, ponta-direita do Botafogo, atuou com a camisa 11 contra o Peru.

GRUPO 11 – *ARGENTINA, BOLÍVIA e CHILE*

CHILE 2 x 1 BOLÍVIA
SANTIAGO, 22 DE SETEMBRO DE 1957

BOLÍVIA 3 x 0 CHILE
LA PAZ, 29 DE SETEMBRO DE 1957

BOLÍVIA 2 x 0 ARGENTINA
LA PAZ, 6 DE OUTUBRO DE 1957

CHILE 0 x 2 ARGENTINA
SANTIAGO, 13 DE OUTUBRO DE 1957

ARGENTINA 4 x 0 CHILE
BUENOS AIRES, 20 DE OUTUBRO DE 1957

ARGENTINA 4 x 0 BOLÍVIA
BUENOS AIRES, 27 DE OUTUBRO DE 1957

Usando sua melhor arma, a altitude de 3 600 metros de La Paz, a Bolívia venceu os dois jogos em casa. Mas jogando em campos em que era possível respirar ela perdeu para o Chile (em Santiago) e para a Argentina (em Buenos Aires), deixando a disputa nas mãos de chilenos e argentinos. O futebol argentino, após perder uma geração inteira de bons jogadores para uma liga pirata da Colômbia, entre 1948 e 1955, havia revelado três notáveis talentos: os atacantes Sivori, do River Plate, Maschio, do Racing Club, e Angelillo, do Boca Juniors. Com eles, a Argentina venceu o Brasil por 3 x 0 e se sagrou campeã sul-americana de 1957. Mas os três nem chegaram a disputar as eliminatórias, porque foram imediatamente comprados por clubes italianos – e o sindicato dos atletas profissionais argentinos proibia que atletas de fora do país integrassem a Seleção. Assim, a Argentina teve de chamar um veterano que nem estava mais nos planos do técnico Guillermo Stabile: o lendário Angel Labruna, de 39 anos, do River Plate. Além dele, a Argentina ainda contava com os veteranos Rossi e Lombardo, ambos com 32 anos. E, com duas vitórias sobre o Chile – 2 x 0 em Santiago e 4 x 0 em casa –, os argentinos garantiram a classificação. A dúvida era se *los viejos* conseguiriam agüentar o repuxo de uma Copa do Mundo no ano seguinte.

GRUPO 12 – *COLÔMBIA, PARAGUAI e URUGUAI*

COLÔMBIA 1 x 0 URUGUAI
BOGOTÁ, 16 DE JUNHO DE 1957

COLÔMBIA 2 x 3 PARAGUAI
BOGOTÁ, 20 DE JUNHO DE 1957

URUGUAI 1 x 0 COLÔMBIA
MONTEVIDÉU, 30 DE JUNHO DE 1957

PARAGUAI 3 x 0 COLÔMBIA
ASSUNÇÃO, 7 DE JULHO DE 1957

PARAGUAI 5 x 0 URUGUAI
ASSUNÇÃO, 14 DE JULHO DE 1957

URUGUAI 2 x 0 PARAGUAI
MONTEVIDÉU, 28 DE JULHO DE 1957

Em 1957, o Uruguai tinha uma história de glórias. Um bicampeonato olímpico em 1924 e 1928 e um incrível sucesso nas três Copas de que participara: bicampeão em 1930 e 1950 e quarto lugar em 1954. É verdade que nenhuma das grandes lendas uruguaias estava em campo nas eliminatórias. Da campanha de 1954 restavam apenas o zagueiro William Martinez e os atacantes Javier Ambrois e Carlos Borges. Mas havia a mística da Celeste e os uruguaios acreditavam mais na força da camisa do que no atleta que a estivesse vestindo. Essa crença não foi abalada nem quando, no primeiro jogo, o Uruguai perdeu para a Colômbia por 1 x 0, em Quito. Bastava vencer duas vezes o Paraguai para ir à Suécia. A primeira partida tinha sido marcada para o estádio Puerto Sajonia, em Assunção, mas o melhor jogador do Paraguai, o ponteiro-esquerdo Genaro Benitez (o único da equipe que já havia atuado no exterior) estava machucado. Seu substituto seria o desconhecido Florencio Amarilla, de 22 anos, do Nacional de Assunção. E então aconteceu o inesperado: Amarilla fez 3 gols e o Paraguai ainda marcou mais dois no fim do jogo – Aguero aos 41 minutos e Jara aos 43 minutos – garantindo a classificação antecipada. O Uruguai estava fora da Copa e restou o consolo de bater à vontade nos paraguaios no último jogo, em Montevidéu, que já não valia nada.

MAIS UMA COPA EUROPÉIA

GRUPO 13 – *AMÉRICA CENTRAL e AMÉRICA DO NORTE*

SUBGRUPO A – *CANADÁ, ESTADOS UNIDOS e MÉXICO*

MÉXICO 7 x 0 ESTADOS UNIDOS
CIDADE DO MÉXICO, 7 DE ABRIL DE 1957
ESTADOS UNIDOS 2 x 7 MÉXICO
LOS ANGELES, 28 DE ABRIL DE 1957
CANADÁ 5 x 1 ESTADOS UNIDOS
TORONTO, 22 DE JUNHO DE 1957
MÉXICO 3 x 0 CANADÁ
CIDADE DO MÉXICO, 30 DE JUNHO DE 1957
MÉXICO 2 x 0 CANADÁ
CIDADE DO MÉXICO, 3 DE JULHO DE 1957
ESTADOS UNIDOS 2 x 3 CANADÁ
SAINT LOUIS, 6 DE JULHO DE 1957

Os dias de glória do futebol dos Estados Unidos foram sepultados nas eliminatórias. E o México emergiu delas como a grande potência do futebol centro e norte-americano – o que não queria dizer muita coisa. Representados pelo St. Louis Kutis, a equipe campeã de seu torneio anual de futebol, os Estados Unidos não só foram massacrados pelo México como ainda perderam duas vezes para o inocente Canadá, que fazia seus primeiros jogos internacionais desde 1927. Assim, o México venceu seu subgrupo e ficou à espera do adversário do subgrupo B.

SUBGRUPO B – *ANTILHAS HOLANDESAS, COSTA RICA, GUATEMALA*

GUATEMALA 2 x 6 COSTA RICA
CIDADE DA GUATEMALA, 10 DE FEVEREIRO DE 1957
COSTA RICA 3 x 1 GUATEMALA
SAN JOSÉ, 17 DE FEVEREIRO DE 1957
COSTA RICA 4 x 1 ANTILHAS HOLANDESAS
SAN JOSÉ, 3 DE MARÇO DE 1957
GUATEMALA 1 x 1 ANTILHAS HOLANDESAS
CIDADE DA GUATEMALA, 14 DE MARÇO DE 1957
ANTILHAS HOLANDESAS 1 x 2 COSTA RICA
WILLEMSTAD, 4 DE AGOSTO DE 1957
ANTILHAS HOLANDESAS W.O. **GUATEMALA**
WILLEMSTAD, 8 DE AGOSTO DE 1957

A Costa Rica, que jogava o melhor futebol da América Central, se classificou sem esforço para enfrentar o México. As Antilhas Holandesas são um arquipélago no Oceano Atlântico, próximo à costa da Venezuela. Suas ilhas mais famosas são Aruba e Curaçao – onde fica a capital, Willemstad. O último jogo do grupo, entre as Antilhas e a Guatemala, não foi realizado. Em agosto de 1957, exatamente na semana da partida, ocorreu uma tentativa de assassinato do presidente guatemalteco Jacobo Arbenz. O estado de sítio foi decretado e as fronteiras, fechadas – impedindo a Seleção de viajar. Assim, as Antilhas Holandesas têm, em seu currículo, uma vitória em eliminatórias. Mas sem jogar.

FINAL *COSTA RICA e MÉXICO*

MÉXICO 2 x 0 COSTA RICA
CIDADE DO MÉXICO, 20 DE OUTUBRO DE 1957
COSTA RICA 1 x 1 MÉXICO
SAN JOSÉ, 27 DE OUTUBRO DE 1957

Com 2 gols no fim do jogo, o México venceu em casa e segurou o empate no jogo de volta, em San José, classificando-se para ir à Suécia. Numa tentativa de garantir a lisura das arbitragens nas disputas fora da Europa, a Fifa escalou o juiz inglês James Husband para apitar os seis jogos do grupo 12 (em que o Paraguai eliminou o Uruguai e a Colômbia) e estes dois confrontos do 13. Ele apitou o primeiro, mas ao chegar a San José foi acometido por uma doença tropical e ficou hospitalizado por 15 dias. Husband também entrou para a história do nosso futebol: em 10 de julho de 1957, ele foi o juiz de Brasil 2 x Argentina 0, a primeira apresentação de Pelé como titular da Seleção.

GRUPO 14 – *ÁFRICA e ÁSIA*

SUBGRUPO A – *CHINA, TAIWAN e INDONÉSIA*

INDONÉSIA 2 x 0 CHINA
JACARTA, 12 DE MAIO DE 1957
CHINA 4 x 3 INDONÉSIA
PEQUIM, 2 DE MAIO DE 1957
INDONÉSIA 0 x 0 CHINA
RANGUM, 23 DE JUNHO DE 1957

Após a vitoriosa revolução comandada por Mao Tsé-tung em 1949, os dirigentes depostos da China fugiram para a ilha de Formosa, hoje Taiwan, e criaram um governo paralelo ao de Mao. Taiwan adotou o nome de China Nacionalista e Mao rebatizou seu país de República Popular da China. Obviamente, as duas nações eram inimigas e uma não reconhecia a existência da outra. Mas ambas se inscreveram para as eliminatórias e a Fifa, insensível, colocou-as no mesmo subgrupo. Felizmente, Taiwan desistiu da disputa, porque havia uma razoável possibilidade de seus jogadores nunca mais regressarem do território chinês. Sobraram, então, China e Indonésia. E a Indonésia tinha mais tradição, tanto que havia participado da Copa de 1938, ainda com o nome de Índias Ocidentais. Os indonésios venceram em Jacarta e os chineses, em Pequim. E um jogo extra, realizado em Rangum, capital da Birmânia, acabou no 0 x 0. O regulamento previa que, se isso acontecesse, valeria o saldo de gols. E a Indonésia seguiu em frente (1 gol positivo de saldo, contra 1 negativo da China). As confusões extracampo continuaram no Congresso de 1958 da Fifa, em Estocolmo. A China propôs a expulsão de Taiwan. O pedido foi recusado e o dirigente chinês Chang Lieu Hua anunciou que seu país se retiraria da entidade. Nem um pouco político, o presidente da Fifa, Arthur Drewry, respondeu que a China não estava se retirando, estava sendo convidada a se retirar. O infeliz bate-boca isolou o país mais populoso do mundo da comunidade futebolística.

SUBGRUPO B - *ISRAEL e TURQUIA*

O surgimento do estado de Israel, decidido pelas Nações Unidas em 1947, ainda provocava controvérsias – e ressentimentos – em muitos povos. A Turquia, país formado por diversas etnias, algumas de orientação islâmica, se negou a enfrentar Israel, que passou para a fase seguinte.

SUBGRUPO C - *CHIPRE e EGITO*

Os cipriotas se inscreveram, mas desistiram da disputa, classificando o Egito.

SUBGRUPO D - *SÍRIA e SUDÃO*

SUDÃO 1 x 0 SÍRIA

CARTUM, 8 DE MARÇO DE 1957

SÍRIA 1 x 1 SUDÃO

DAMASCO, 24 DE MAIO DE 1957

O Sudão, que havia conquistado sua independência da Inglaterra em 1956, promoveu a primeira Copa das Nações Africanas no início de 1957. O Egito foi o campeão, mas a boa participação da Seleção Sudanesa, derrotada pelo próprio Egito nas semifinais, despertou um súbito interesse pelo futebol no país. Entusiasmados, os sudaneses se classificaram com uma vitória em casa e um empate em Damasco.

SEMIFINAL 1 *INDONÉSIA e ISRAEL*

Vencedor de A x Vencedor de B - Como a Turquia já havia feito, os indonésios também se recusaram a enfrentar Israel.

SEMIFINAL 2 *EGITO e SUDÃO*

Vencedor de C x vencedor de D - Sem explicações, já que era o favorito, o Egito desistiu da disputa. Especulou-se, na época, que os egípcios preferiram se negar a enfrentar o Sudão, um país aliado, a ter de fugir do confronto com Israel na fase seguinte.

FINAL *ISRAEL e SUDÃO*

Como todo mundo já esperava, o Sudão comunicou que não enfrentaria os israelenses. Assim, sem entrar em campo uma única vez, Israel estava na Copa. Mas a Fifa tinha outros planos. Prevendo que a "corrente de desistências" poderia continuar na Suécia, transformando a Copa num palanque de disputas político-ideológicas, ela decidiu que Israel deveria enfrentar um dos vice-campeões dos grupos europeus para se qualificar. Todos os vices foram consultados – mais o Uruguai, por uma deferência especial – e apenas dois declinaram de participar do sorteio: o próprio Uruguai e a Bélgica. Em 1º de novembro de 1957, foram colocados numa urna papéis com os nomes de República da Irlanda, Bulgária, País de Gales, Holanda, Polônia, Romênia, Itália e Espanha. E o sorteio apontou Gales como o beneficiado pela virada de mesa.

GRUPO 14 – extra – *ISRAEL e PAÍS DE GALES*

ISRAEL 0 x 2 PAÍS DE GALES

TEL-AVIV, 15 DE JANEIRO DE 1958

PAÍS DE GALES 2 x 0 ISRAEL

CARDIFF, 5 DE FEVEREIRO DE 1958

Jogando primeiro em Tel-Aviv e depois em Cardiff, o País de Gales obteve duas sonolentas vitórias por 2 x 0 e se classificou sem nenhuma dificuldade para disputar a Copa. Com isso, quatro países britânicos foram à Suécia (também Inglaterra, Escócia e Irlanda do Nrte).

Só Europa e América

Terminadas as eliminatórias, ficou definido que a sexta Copa do Mundo teria 12 países europeus, três sul-americanos e um norte-americano. E nenhum representante da Ásia ou da África. Confira os 16 classificados.

- Alemanha Ocidental
- Argentina
- Áustria
- Brasil
- Escócia
- França
- Hungria
- Inglaterra
- Irlanda do Norte
- Iugoslávia
- México
- País de Gales
- Paraguai
- Suécia
- Tchecoslováquia
- União Soviética

Palavras Cruzadas Diretas

Os bons e os sérios

Cada vez mais gente estava convencida de que nossos jogadores eram talentosos, mas nada confiáveis na hora da decisão. As preces pelo surgimento de um craque foram atendidas em 1956, com a entrada em cena de Pelé

Nas cinco primeiras Copas, o Brasil acumulara mais desculpas do que glórias. Em 1930, tínhamos sido representados por uma Seleção inferior. Em 1950, estávamos confiantes demais. Em 1934, 1938 e 1954, a culpa foi de juízes mal intencionados. Após a frustração do Mundial da Suíça, começou a ganhar corpo a teoria de que nossos jogadores eram talentosos, mas pouco confiáveis na hora da decisão. Era consenso que havia atletas bons e sérios, mas que os bons não eram muito sérios e os sérios não eram muito bons. Por isso, Garrincha, de inegável vocação para o drible, não conseguira se firmar na Seleção. Convocado pela primeira vez aos 22 anos, participou de um jogo – empate em 1 x 1 com o Chile, no Maracanã, em 18 de setembro de 1955 – e só teve outra chance quase dois anos depois, nas eliminatórias. Durante esse tempo, a ponta-direita da Seleção foi ocupada por representantes da ala mais "séria", como Canário, do América, e Joel, do Flamengo. O mesmo "defeito" (ser habilidoso e inconseqüente) vitimou a cópia carbono de Garrincha pela esquerda – Canhoteiro, do São Paulo. Nem mesmo o armador Didi, do Fluminense, escapava da sina: sua fama era de não se esforçar muito nos treinos.

Para levantar a taça Jules Rimet, o Brasil precisava de um craque diferenciado. E as preces foram atendidas em 1956, com a entrada em cena de Pelé. Tudo aconteceu muito rápido. No dia 7 de setembro, aos 15 anos e 10 meses de idade, ele estreou na equipe principal do Santos num amistoso contra o Corinthians de Santo André. Entrou no lugar de Del Vecchio aos 22 minutos do segundo tempo, quando o placar já estava 5 x 0 para o time santista. Seis minutos depois, num lançamento de Jair Rosa Pinto, marcou seu primeiro gol – colocando o obscu-

Pelé tinha 15 anos e 10 meses quando estreou no Santos: ida para a Seleção foi alegria geral

ro goleiro Zaluar Torres Rodrigues na história do futebol. Em abril de 1957, o jovem promissor assinou o primeiro contrato profissional – e seu nome aparecia com a grafia correta, Edison, com "i", já que seu pai, Dondinho, era fã do inventor americano Thomas Alva Edison. No dia 14 do mesmo mês, o atacante fez sua primeira apresentação no Campeonato Paulista, marcando 1 gol na vitória por 5 x 3 sobre o XV de Piracicaba, na Vila Belmiro. O São Paulo conquistou o título, mas Pelé foi o artilheiro, com 17 gols em 18 partidas.

Em junho de 1957, Vasco e Flamengo promoveram no Maracanã um torneio caça-níqueis com a participação do Dínamo Zagreb, da Iugoslávia, do Belenenses, de Portugal, e do São Paulo. Só que o time principal do Vasco estava excursionando pela Europa (ficaram no Brasil apenas os zagueiros Bellini e Paulinho, a serviço da Seleção). Para se reforçar, os dirigentes apelaram para o Santos, que mandou Urubatão, Álvaro, Jair, Pepe e Pelé. O combinado, que atuou com a camisa cruzmaltina, disputou 4 jogos, venceu 1 e empatou 3. E Pelé marcou em todos: fez 6 dos 9 gols e terminou como artilheiro. O Maracanã ficou quase às moscas na maioria dos confrontos, mas Silvio Pirilo, técnico da Seleção, estava lá. E viu futuro naquele garoto de 16 anos. Tanto que um mês depois, no dia 7 de julho, o atacante voltou ao Maracanã, desta vez para se sentar no banco da Seleção, vestindo a camisa 13. O placar foi Argentina 2 x 1, mas ele entrou no segundo tempo e fez o gol brasileiro. No segundo jogo, no Pacaembu, o Brasil ganhou por 2 x 0 e Pelé fez mais um, assegurando sua presença em futuras convocações.

Doutor Paulo abraça o capitão Bellini: "O primeiro cartola a tratar os jogadores como gente"

AG. O GLOBO

Uma nova CBD

No início de 1958, João Havelange, advogado carioca de 41 anos ligado ao Fluminense, foi eleito presidente da Confederação Brasileira de Desportos, vencendo a oposição liderada por Carlito Rocha, do Botafogo. Dono de um nome aristocrático, Jean-Marie Fustin Godefrois d'Havelange havia defendido o Brasil em duas Olimpíadas: em 1936, na natação, e em 1952, no pólo aquático. Em 1956, tinha sido o chefe da delegação olímpica brasileira em Melbourne, Austrália. Para vice-presidente, na CBD, Havelange escolheu um paulista de 57 anos, ex-presidente da Federação Paulista de Futebol, patrono do São Paulo e dono da Rádio e TV Record: Paulo Machado de Carvalho, mais conhecido como "**doutor Paulo**"

Na época, esse "título" era atribuído, por mérito, a médicos e advogados. Mas, por cortesia ou temor, o povo também apelidava de "doutor" os delegados de polícia e os homens ricos. Paulo Machado de Carvalho se enquadrava no último quesito, mas ninguém duvidava que ele assumiria qualquer um dos outros três papéis, se as circunstâncias assim o exigissem. Figura exuberante, o doutor Paulo ria muito, gostava de apertar a bochecha dos atletas e tinha sempre um conselho na ponta da língua. Nilton Santos afirmou que ele foi o primeiro dirigente a tratar jogador de futebol como gente.

Ao assumir a presidência da Confederação, em 14 de março de 1958, Havelange anunciou que o doutor Paulo era o responsável pelo planejamento para a Copa. A primeira providência foi formar uma comissão técnica, com o "pessoal da casa". Para supervisor, Carlos Nascimento, do Bangu, que tinha 54 anos, mas parecia estar na CBD desde o tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça. Como médico, o doutor (de verdade) Hilton Gosling, também do Bangu. E para preparador físico, Paulo Amaral, do Botafogo. Até aí, nada de muito diferente. As novidades eram duas. Para começar, um psicólogo. O "professor" João Carvalhaes (ainda não tinha merecido o título de "doutor") trabalhava desde 1953 na companhia de ônibus de São Paulo, a CMTC, onde era o encarregado de aplicar testes psicotécnicos nos candidatos a motorista. Em 1956, o São Paulo se interessou por seus métodos e, coincidência ou não, faturou o Campeonato Paulista de 1957. E como todo mundo achava que o problema do jogador brasileiro era psicológico, ele levou para a Seleção suas folhas cheias de quadradinhos e cobrinhas. A segunda inovação foi um dentista, Mario Trigo de Loureiro. Por motivos incertos, até então nenhuma equipe se incomodava com os focos infecciosos que grassavam nas bocas dos atletas (os próprios craques se preocupavam muito mais com as unhas dos pés do que com um tratamento dentário).

CORREIO DA MANHÃ

Feola (ao centro): a imprensa apostava em Solich e Flávio Costa, mas ele virou o técnico

Dois candidatos e um técnico

Só faltava a mais nevrálgica decisão: escolher o técnico. No início de 1958, havia no Rio uma espécie de campanha eleitoral para treinador da Seleção. De um lado, o candidato Fleitas Solich, do Flamengo. Do outro, o candidato Flávio Costa, com seu passado de saborosas vitórias e dolorosas derrotas – como a da Copa de 1950. Solich havia coroado seu trabalho no time rubro-negro com a conquista do tricampeonato carioca, em 1955. Mas os partidários de Flávio Costa tinham apenas uma frase para descartá-lo: "Ele é paraguaio". A favor de Costa pesava a fama de disciplinador. "O homem sabe mandar", diziam seus adeptos. Só que o doutor Paulo também era famoso por gostar de mandar e os dois certamente se desentenderiam antes do primeiro aperto de mão. A julgar pelas notícias dos jornais, Flávio Costa seria mesmo "o homem". Mas o eleito acabou sendo Vicente Ítalo Feola.

Quem? Foi preciso lembrar que ele havia sido bicampeão paulista pelo São Paulo em 1948 e 1949 e auxiliar técnico do próprio Flávio Costa na Copa de 1950 – datas que, em 1958, pareciam pertencer ao período jurássico. Embora tivesse o cargo de diretor técnico do São Paulo, Feola atuava mais nos bastidores: o treinador era o húngaro Bela Guttman. A indicação provocou frêmitos de pavor no Rio e muitos jornalistas começaram a ter pesadelos com uma Seleção formada apenas por jogadores paulistas. Mas as intenções do doutor Paulo e de Carlos Nascimento eram outras: eles só queriam alguém capaz de se amoldar a um plano e de trabalhar em equipe, duas coisas que provocavam urticária em Flávio Costa.

Na noite de 31 de março de 1958, depois de dois meses elaborando "o plano", a comissão técnica se reuniu com a cúpula da CBD na agência central do Banco Comercial, em São Paulo (Nélson Moreira, assessor financeiro da Confederação na capital paulista, era o gerente da agência e cedeu a sala de reuniões). No dia seguinte, foi divulgado o roteiro de trabalho da Seleção, dia a dia, da manhã da apresentação – em 7 de abril – até o embarque para a Europa – em 19 de maio. E também veio à luz a ansiosamente aguardada lista dos convocados para o período inicial de treinos. Para surpresa tanto dos desconfiados cariocas quanto dos excitados paulistas, dos 33 selecionados 20 atuavam no Rio e 13 em São Paulo.

Goleiros: Gilmar, Castilho, Carlos Alberto e Ernani.

Zagueiros: Djalma Santos, Cacá, Mauro, De Sordi, Bellini, Orlando, Zózimo, Jadir, Nilton Santos, Altair e Oreco.

Meio-campistas: Zito, Pampolini, Roberto, Didi, Dino e Moacir.

Atacantes: Joel, Garrincha, Almir, Vavá, Gino, Dida, Índio, Mazzola, Pelé, Pepe, Zagalo e Canhoteiro.

Por time, o Flamengo contribuía com 6 jogadores. Botafogo, Vasco e São Paulo, com 5 cada um. Corinthians e Santos, com 3. Bangu e Fluminense, com 2. E Portuguesa de Desportos e Palmeiras, com 1. No dia seguinte, o jornal *Luta Democrática*, do Rio, estampou a manchete "Surpresa na convocação" e criticou a ausência de Zizinho. De fato, ele havia contribuído, e muito, para que o São Paulo ganhasse o título paulista de 1957. Mas já estava com 39 anos e, se tivesse mesmo sido chamado, o mais provável cortado seria Pelé.

Pelé e Mazzola garantiram não apenas a convocação, mas também a condição de titulares, num jogo mirabolante entre Santos e Palmeiras, pelo Torneio Rio-São Paulo, disputado no Pacaembu em 6 de março de 1958. O Palmeiras fez 1 x 0, o Santos empatou, o Palmeiras fez 2 x 1 e o Santos virou para 5 x 2. Tudo isso só no primeiro tempo. Na etapa final, o Palmeiras virou para 6 x 5 e o Santos virou de novo para 7 x 6. Pelé e Mazzola marcaram 2 gols cada um e os olhos da comissão técnica brilharam. Somadas, as idades dos dois davam apenas 37 anos.

500 obturações e extrações

Conforme o previsto, no dia 7 de abril os 33 escolhidos se apresentaram para os exames médicos na Santa Casa de Misericórdia, no Rio. Garrincha e Orlando tiveram de extrair as amígdalas. Mas quem teve mais trabalho foi Mario Trigo: todos tinham problemas dentários (Trigo e seus ajudantes da Faculdade Nacional de Odontologia contabilizaram perto de 500 obturações e extrações). Em 10 de abril, a Seleção partiu para Poços de Caldas, em Minas Gerais, para 20 dias de treinos. E, por sugestão dos jogadores, Mario Trigo foi junto, por sua capacidade de descontrair qualquer ambiente com uma piada. O tempo mostrou que ele ajudava a dar estabilidade emocional aos craques, mais até do que o professor Carvalhaes. Por falar nele, sua bateria de testes apresentou resultados assustadores: alguns atletas eram infantis, outros tinham QI baixo e a maioria nem deu bola para aquela coisa de completar figuras ou interpretar rabiscos. Mas o doutor Paulo não se abalou, tanto que ninguém foi submetido a tratamento psiquiátrico. Anos depois, o doutor Paulo diria que a mera presença de Carvalhaes era suficiente. Com ele por perto, não havia risco de chilique.

"O plano", porém, tinha críticos veementes. De seu palanque no *Jornal dos Sports*, Mario Filho – que mais tarde viria a ser o nome oficial do Maracanã – não se cansava de torpedear as "invencionices". Ademar Pimenta – técnico da Seleção na Copa de 1938 – batia na mesma tecla em seus comentários na rádio Mauá, do Rio. Em São Paulo, o ranheta comentarista da rádio Tupi, Geraldo Bretas, prometia solenemente nunca mais comentar futebol se o Brasil voltasse campeão da Suécia (promessa que não foi cumprida). Enquanto isso, a Seleção treinava. No fim de abril, um jogador vinha sistematicamente arrebentando nos treinos: Moacir, meia do Flamengo e reserva de Didi. E os jornais insistiam que Moacir merecia estar no time titular. Foi quando Didi, entrevistado pela revista *Manchete Esportiva*, pronunciou sua lapidar frase de autoconfiança: "Treino é treino, jogo é jogo". Daí em diante, a produção de Moacir "voltou ao normal" e ele se conformou com a reserva.

A lista dos 22

Finalmente, foram anunciados os 22 que iriam ao Mundial. E os bairristas novamente se decepcionaram. A lista era equilibrada, com 12 jogadores de clubes do Rio e 10 de São Paulo. Com esse plantel, o Brasil disputou, nos dias 4 e 7 de maio, a Taça Oswaldo Cruz contra o Paraguai, que também estava classificado para a Copa. No Maracanã, vitória por 5 x 1, gols de Zagalo (2), Dida, Vavá e Pelé, que entrou no segundo tempo, no lugar de Dida. No Pacaembu, empate em 0 x 0, diminuindo um pouco o entusiasmo pela goleada anterior. Pelé ficou no banco. Ainda em maio, a Seleção venceu duas vezes a Bulgária em amistosos: 4 x 0 no Maracanã e 3 x 1 no Pacaembu. No Rio, a festa foi flamenguista: Moacir (2), Dida e Joel marcaram. Em São Paulo, comemoração santista, com gols de Pepe (2) e Pelé – que, desta vez, começou jogando. Esse jogo – disputado em 18 de maio de 1958 – é histórico: Pelé e Garrincha atuaram pela primeira vez juntos na Seleção. Nos oito anos seguintes, o Brasil não perdeu nenhuma vez com os dois em campo. Por coincidência, a última partida da dupla também foi contra a Bulgária: vitória por 2 x 0 na Copa de 1966.

O último jogo-treino foi contra o Corinthians, no Pacaembu, em 21 de maio, três dias antes da viagem para a Suécia. A Seleção venceu por 5 x 0 – gols de Garrincha (2), Pepe (2) e Mazzola. Tudo caminhava na santa paz até que o lateral Ari Clemente entrou para rachar numa dividida e deixou Pelé rolando no chão, com a mão no joelho direito. No mesmo dia, ele foi examinado e o doutor Gosling diagnosticou: clinicamente, as chances eram pequenas. Com sorte, o atacante estaria fora só dos três primeiros jogos da Copa. A comissão técnica tinha duas alternativas: correr o risco de levar Pelé ou substituí-lo por Almir, do Vasco. E, aparentemente por consenso, Feola, Nascimento, Gosling e Paulo Amaral tomaram a melhor decisão de suas vidas: manter Pelé na delegação.

O BRASIL EM 1958

As águas vão rolar

A música campeã do Carnaval de 1958 foi "Me Dá Um Dinheiro Aí", em que o mineiro Moacyr Franco desfiava suas desventuras como mendigo (seu personagem no programa de TV *Praça da Alegria*). No meio do ano, Maysa Matarazzo lançou "Ouça", um manifesto a favor da fossa e da depressão. As duas canções tinham tudo a ver com o Brasil pré-Copa. Mas em julho chegou às lojas o disco *Chega de Saudade*, do baiano João Gilberto. A "batida diferente" que ele criou no violão para a composição de Tom Jobim e Vinicius de Moraes consagrou a bossa nova. Além de batizar o ritmo, a expressão passou a simbolizar uma súbita onda de otimismo nacional – tanto que até Juscelino Kubitschek virou o "Presidente bossa nova", numa marota homenagem musical do menestrel Juca Chaves: "Bossa nova mesmo é ser presidente / Desta terra descoberta por Cabral / Para tanto basta ser tão simplesmente / Simpático, risonho, original..."

O médico Juscelino, o JK, mineiro de Diamantina, havia sido eleito em 1955, com 3 077 411 votos (36% dos votos válidos). Ele tomou posse em 1º de fevereiro de 1956 com um plano de metas que prometia 50 anos em 5. Durante sua administração, o Brasil ganhou nova capital – Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960. E nessa fase bossa nova a Seleção enterroáu todos os complexos, preconceitos e medos pré-1958.

McCANN
www.mastercard.com.br

Fita do Senhor do Bonfim: R$ 5,00.
Sapo da fortuna: R$ 20,00.
Figa: R$ 15,00.
Gol contra do adversário: não tem preço.
MasterCard
MasterCard Maestro
FIFA WORLD CUP GERMANY 2006
Cartões Oficiais
Existem coisas que o dinheiro não compra.
Para todas as outras existe MasterCard®.

Aquecimento à ITALIANA

Contra a Fiorentina e a Internazionale, a Seleção emplacou duas goleadas por 4 x 0 e chegou à Suécia confiante, mesmo com Garrincha na reserva e Pelé machucado

No dia 24 de maio, às 17 horas, um DC-7 da Panair do Brasil levantou vôo do aeroporto do Galeão, no Rio, conduzindo o esquadrão verde-e-amarelo. Após escalas no Recife, em Dacar e em Lisboa, o avião pousou em Roma às 19h30 do dia seguinte. A bordo, além dos jogadores, a delegação tinha mais 15 membros: João Havelange (presidente da CBD), Carlos Nascimento (supervisor), Abilio D'Almeida (secretário), Adolfo Marques Júnior (tesoureiro), José de Almeida (assessor), Ernesto Santos (observador), Vicente Feola (técnico), Hilton Gosling (médico), Paulo Amaral (preparador físico), João Carvalhaes (psicólogo), Mario Trigo (dentista), Mário Américo (massagista), Francisco de Assis (roupeiro) e Luiz Murgel e Paulo Costa (delegados para o Congresso da Fifa). O doutor Paulo Machado de Carvalho tinha ido uma semana antes, para cuidar dos preparativos. Quando todos chegaram a Roma, lá estava ele, apertando as bochechas dos jogadores no aeroporto.

Após um dia de descanso, a Seleção seguiu de trem para Florença, para a partida de despedida do ponteiro **Julinho Botelho**, da Fiorentina, no dia 29 de maio. Quem roubou a festa foi Garrincha. Aos 30 minutos do segundo tempo, quando o Brasil já sapecava 3 x 0, 2 gols de Mazzola e 1 de Pepe, o ponta recebeu uma bola na direita e saiu driblando quem encontrou pelo caminho, incluindo o goleiro Sarti. Com o gol livre, percebeu que o zagueiro Robotti vinha chegando alucinado e deu uma puxadinha de leve na bola. Robotti passou lotado, quase se esborrachando na trave, e Garrincha, tranqüilamente, entrou com bola e tudo. O estádio ficou pasmo e a molecagem custou-lhe a perda da posição para Joel – um jogador que, além de mais sério em campo, tinha se saído melhor nos testes psicológicos do professor Carvalhaes.

Julinho Botelho: o craque da Fiorentina recusou a convocação porque jogava no exterior

Julinho Botelho, ponta-direita da Seleção na Copa de 1954, preparava-se para voltar ao Brasil após quase quatro anos em Florença. Lá, ajudara a Fiorentina a ganhar o primeiro *scudetto* de campeão italiano de sua história, em 1956. Ele chegou a ser convocado para a Copa de 1958, mas recusou alegando que não era justo participar enquanto estivesse fora do país. Julinho chorou por ter de enfrentar a Seleção de seu país. Em São Paulo, consagrou-se no Palmeiras, time que marcou o resto de sua carreira.

No dia seguinte, a Seleção embarcou num trem até Milão, **para o último amistoso** antes da Copa, contra a Internazionale, **no dia 1º de junho.** Com Joel na ponta direita e jogando **seriamente, o Brasil** enfiou outros 4 x 0, gols de Dino, Mazzola, **Dida e Zagalo** – que entrou no lugar de Pepe no segundo **tempo. No dia 3 de junho,** o Brasil seguiu de avião para **Copenhague,** na Dinamarca, e de lá para Gotemburgo, na

Terno e chapéu: a Seleção Brasileira viajou para a Europa a caráter, "naquela estica"

AG. O GLOBO

Suécia. Às 11h30, os jogadores finalmente pisaram em solo sueco e seguiram direto para a concentração, no Turist Hotel da pequena cidade de Hindas. Cinco dias depois, o Brasil estreou na Copa. Com Pelé machucado e Garrincha na reserva. Confira nas próximas páginas o tabelão com todas as partidas disputadas durante o Mundial de 1958.

Numeração profética

A comissão técnica, que tinha tudo planejado nos mínimos detalhes, se esqueceu de fornecer à Fifa os números das camisas dos jogadores. Diz a lenda que o uruguaio Lorenzo Villizio, membro do comitê organizador da Copa, definiu a numeração por conta própria, sem consultar nenhum dirigente brasileiro. O que realmente ocorreu nunca ficou bem explicado, mas a lista de Villizio teve erros e acertos incríveis. Com exceção dos números de Gilmar (3, para um goleiro), Didi (6, para um meia) e Zózimo (9, para um defensor), o resto da numeração fazia sentido. Até mesmo o 11 dado a Garrincha, já que ele disputara as eliminatórias com essa camisa. O mais intrigante (até hoje, aliás) foi a concessão do 10 para Pelé. Mais do que um numerólogo por acidente, Villizio foi profético. Como também deve ter antevisto a entrada na equipe titular de Zagalo (que até então só havia disputado três partidas pela Seleção). Confira os números com que os jogadores brasileiros disputaram o Mundial da Suécia, em 1958.

1) Castilho
2) Bellini
3) Gilmar
4) Djalma Santos
5) Dino
6) Didi
7) Zagalo
8) Moacir
9) Zózimo
10) Pelé
11) Garrincha
12) Nilton Santos
13) Mauro
14) De Sordi
15) Orlando
16) Oreco
17) Joel
18) Mazzola
19) Zito
20) Vavá
21) Dida
22) Pepe

Pelé com a camisa 10 em campo: ninguém sabe quem escolheu o número para ele

AG. O GLOBO

Templos da bola

O palco da final da Copa, o estádio Solna-Rasunda, em Estocolmo, foi inaugurado na Olimpíada de 1912. O único construído para o Mundial de 1958 foi o Idrottsparken, em Norrkoping. Ao todo, 12 estádios foram utilizados

Cidade	Estádio	Capacidade	Jogos
Estocolmo	Solna-Rasunda	52 400	8
Gotemburgo	Nya Ullevi	51 500	7
Malmö	Malmö FF	35 000	4
Norrkoping	Idrottsparken	30 100	3
Helsingborg	Olympiavallen	30 000	2
Halmstad	Orjans Vall	22 000	2
Boras	Ryavallen	21 300	2
Sandviken	Jernvallen	20 500	2
Vasteras	Arosvallen	20 000	2
Eskilstuna	Tunavallen	22 000	1
Orebro	Eyravallen	21 000	1
Uddevalla	Rimnersvallen	20 000	1

O Mundial, jogo a jogo

Finalmente, depois de cinco Copas com regulamentos confusos, a Fifa acertou na fórmula. Nas oitavas-de-final, quatro grupos com quatro países cada um disputando duas vagas para as quartas-de-final. Caso duas equipes terminassem empatadas em segundo lugar, o saldo de gols não seria levado em consideração e haveria um jogo extra. Se o empate ocorresse no primeiro lugar, aí sim o saldo apontaria campeão e vice. A partir das quartas-de-final, as partidas seriam eliminatórias, até a grande decisão. Mais importante, a tabela inteirinha foi divulgada antecipadamente, permitindo prever quem enfrentaria quem. A Fifa formou quatro blocos de quatro países, para que eles não caíssem no mesmo grupo. Havia o bloco americano (Brasil, Argentina, Paraguai e México), o bloco socialista (União Soviética, Hungria, Tchecoslováquia e Iugoslávia), o bloco britânico (Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales) e o bloco democrático europeu (Alemanha Ocidental, Suécia, França e Áustria). Aí, bastou sortear uma Seleção de cada bloco para constituir os grupos. Não havia, portanto, os cabeças de chave das Copas anteriores e era possível que um dos grupos ficasse muito forte. E foi exatamente o que aconteceu: Brasil, Inglaterra e União Soviética caíram juntos. O destino escolheu a Áustria para completar o grupo IV e, não por acaso, ela foi a única a reclamar do desequilíbrio do sorteio.

Oitavas-de-final

GRUPO I ALEMANHA OCIDENTAL, ARGENTINA, IRLANDA DO NORTE e TCHECOSLOVÁQUIA

Sem juízo

Depois do barraco aprontado por Mario Vianna na Copa de 1954 – quando ele proferiu vários impropérios públicos contra a comissão de arbitragens da Fifa e ainda foi tomar satisfações de seu colega inglês Arthur Ellis após o jogo em que o Brasil perdeu para a Hungria por 4 x 2 –, a Fifa excluiu o árbitro irascível de seus quadros. E, de quebra, decidiu que nenhum brasileiro seria convidado para apitar no Mundial de 1958.

ALEMANHA OCIDENTAL 3 x 1 ARGENTINA

Data: 8 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Malmö FF, em Malmö
Público: 31 156 pessoas
Gols: *Corbatta* (3), *Rahn* (32) e *Seeler* (42 do 1º); *Rahn* (34 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Herkenrath, Stollenwerk, Erhardt* e *Juskowiak; Eckel* e *Szymaniak; Rahn, Fritz Walter, Seeler, Schmidt e Schafer.*
Técnico: Sepp Herberger
Argentina – *Carrizo, Delacha* e *Vairo; Lombardo, Rossi* e *Varacka; Corbatta, Prado, Menendez, Rojas e Cruz.*
Técnico: Guillermo Stabile
Juiz: Reginald Leafe (Inglaterra)
Auxiliares: Helge (Dinamarca) e Ahlner (Suécia)

Faltou objetividade

A Argentina entrou em campo parecendo mais o Uruguai, com camisas azul-celeste emprestadas do clube local, o Malmö. Na opinião do juiz, as listras verticais azuis e brancas se confundiam com o uniforme branco dos alemães. Antes da Copa, a Argentina tinha batido o Milan por 2 x 0, em Milão, e recebido muitos elogios da imprensa italiana. Mas, na estréia no Mundial, faltou objetividade. Já a Alemanha Ocidental, contando com quatro remanescentes da Copa de 1954 – Eckel, Fritz Walter, Schafer e Erhardt, mantinha o velho padrão de jogo: sólido na defesa e metódico no ataque. Assim, os alemães fizeram 2 gols no primeiro tempo e perderam outras duas boas chances. Na etapa final, o preparo físico germânico fez a diferença. Com 20 minutos a Argentina já se arrastava em campo. O centroavante Uwe Seeler, do Hamburg SV, fez seu primeiro jogo de uma longa carreira em Copas do Mundo, que só terminou na de 1970.

IRLANDA DO NORTE 1 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 8 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Orjans Vall, em Halmstad
Público: 10 617 pessoas
Gol: *Cush* (20 do 1º)
Irlanda do Norte – *Gregg, Keith, Cunningham* e *McMichael; Blanchflower* e *Peacock; Bingham, Cush, Dougan, McIlroy* e *McParland.*
Técnico: Peter Doherty
Tchecoslováquia – *Dolejsi, Mraz, Cadek* e *Novak; Pluskal* e *Masopust; Hovorka, Dvorak, Borovicka, Hertl* e *Kraus.*
Técnico: Karel Kolski
Juiz: Friedrich Seipelt (Áustria)
Auxiliares: Ellis (Inglaterra) e Campos (Portugal)

Jogo abençoado

Os irlandeses quase não foram à Copa porque a religião anglicana proibia atividades físicas aos domingos. Foi preciso que o clero local desse sua bênção para os jogadores poderem viajar com a consciência em paz para a Suécia.

Feio, mas eficiente

Das equipes com tradição no futebol, a Irlanda do Norte é, provavelmente, a que joga o futebol mais feio. Se fecha na defesa e progride com uma disposição incomum. O estilo pode não ser bonito, mas é eficiente e proporciona surpresas, como nesta vitória diante da favorita Tchecoslováquia. Após 1 gol "padrão" (um toque de Cush após um cruzamento da lateral), ela recuou e agüentou a pressão tcheca durante o resto do jogo.

ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 2 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 11 de junho de 1958, quarta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Olympiavallen, em Helsingborg
Público estimado: 23 000 pessoas
Gols: *Dvorak* (pênalti, 24) e *Zikan* (42 do 1º); *Schafer* (14) e *Rahn* (24 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Herkenrath, Stollenwerk, Erhardt* e *Juskowiak; Schnellinger* e *Szymaniak; Rahn, Fritz Walter, Seeler, Schafer* e *Klodt.*
Técnico: Sepp Herberger
Tchecoslováquia – *Dolejsi, Mraz, Popluhar* e *Novak; Pluskal* e *Masopust; Hovorka, Dvorak, Molnar, Feureisl* e *Zikan.*
Técnico: Karel Kolski
Juiz: Arthur Ellis (Inglaterra)
Auxiliares: Seipelt (Áustria) e Leafe (Inglaterra)

Um tempo para cada time

O técnico Karel Kolski trocou três atacantes e os tchecos partiram com tudo para cima. No segundo tempo, os alemães acuaram a Tchecoslováquia. No primeiro gol, uma bola chutada por Rahn foi defendida parcialmente pelo goleiro tcheco. No rebote, Schafer completou, mas Dolejsi, caído, segurou a bola sobre a linha (ou dentro do gol?). O juiz decidiu que ela havia entrado. Depois do empate, a Alemanha, satisfeita, recuou.

ARGENTINA 3 x 1 IRLANDA DO NORTE

Data: 11 de junho de 1958, quarta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Orjans Vall, em Halmstad
Público: 14 174 pessoas
Gols: *McParland* (4) e *Corbatta* (pênalti, 38 do 1º); *Menendez* (10) e *Avio* (15 do 2º)
Argentina – *Carrizo, Delacha* e *Vairo; Lombardo, Rossi* e *Varacka; Corbatta, Avio, Menendez, Labruna* e *Boggio.*
Técnico: Guillermo Stabile
Irlanda do Norte – *Gregg, Keith, Cunningham* e *McMichael; Blanchflower* e *Peacock; Bingham, Cush, Coyle, McIlroy* e *McParland.*
Técnico: Peter Doherty
Juiz: Sten Ahlner (Suécia)
Auxiliares: Ellis (Inglaterra) e Campos (Portugal)

Chama o velho

Uma semana antes da Copa, o atleta número 11 da Argentina, Roberto Zárate, se contundiu e foi considerado sem condições clínicas para jogar. Como a Fifa permitia a substituição nesses casos, o técnico chamou às pressas o veterano Amadeo Labruna, do River Plate, então com 40 anos. Labruna não chegou a tempo de atuar contra a Alemanha Ocidental, mas entrou em campo contra a Irlanda do Norte.

Deu a lógica

A Argentina levou um susto quando McParland fez 1 x 0 de cabeça, num escanteio. Mas logo retomou o controle do jogo. Um toque de mão na área permitiu o empate. No segundo tempo, só deu Argentina, tanto que o volante irlandês Blanchflower atuou praticamente de zagueiro. Mas foi a única boa exibição argentina na Copa.

Nada de espetáculo

Para os que diziam que a Alemanha Ocidental estava decadente, o técnico Sepp Herberger lembrava o que havia acontecido em 1954: os alemães jogaram pelo resultado de que precisavam, não para dar espetáculo. E foram campeões.

ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 2 IRLANDA DO NORTE

Data: 15 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Malmö FF, em Malmö
Público: 21 990 pessoas
Gols: *McParland* (19) e *Rahn* (21 do 1º); *McParland* (15) e *Seeler* (32 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Herkenrath, Stollenwerk, Erhardt* e *Juskowiak; Szymaniak* e *Eckel; Rahn, Fritz Walter, Seeler, Schafer* e *Klodt*
Técnico: Sepp Herberger
Irlanda do Norte – *Gregg, Keith, Cunningham* e *McMichael; Blanchflower* e *Peacock; Bingham, Cush, Casey, McIlroy* e *McParland.*
Técnico: Peter Doherty
Juiz: Joaquim Fernandes de Campos (Portugal)
Auxiliares: Ahlner (Suécia) e Helge (Dinamarca)

No fim, todos felizes

O famoso pragmatismo alemão entrou em campo: como precisavam apenas do empate para se classificar, os atletas jogaram exatamente para isso. E, mesmo sem vencer, a Irlanda do Norte saiu de campo com chance de classificação (no jogo extra contra a Tchecoslováquia).

Pedras e moedas

O retorno da delegação Argentina foi precedido por notícias de noitadas e de falta de empenho nos treinos. Apesar dos enérgicos desmentidos de Raúl Colombo, presidente da Associação de Futebol da Argentina, uma pequena multidão foi ao aeroporto atirar moedas e pedras nos jogadores. Foi um melancólico fim de carreira para o grande Angel Labruna, craque desde os anos 1940, com nove campeonatos conquistados pelo River Plate e 292 gols marcados.

TCHECOSLOVÁQUIA 6 x 1 ARGENTINA

Data: 15 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Olympiavallen, em Helsingborg
Público: 16 481 pessoas
Gols: *Dvorak* (8), *Zikan* (17) e *Hovorka* (39 do 1º); *Corbatta* (pênalti, 20), *Fureisl* (24), *Zikan* (37) e *Hovorka* (44 do 2º)
Tchecoslováquia – *Dolejsi, Mraz, Popluhar* e *Novak; Dvorak* e *Masopust; Hovorka, Borovicka, Molnar, Feureisl* e *Zikan.*
Técnico: Karel Kolski
Argentina – *Carrizo, Delacha* e *Vairo; Lombardo, Rossi* e *Varacka; Corbatta, Avio, Menendez, Labruna* e *Cruz.*
Técnico: Guillermo Stabile
Juiz: Arthur Ellis (Inglaterra)
Auxiliares: Leafe (Inglaterra) e Seipelt (Áustria)

Um dia para esquecer

Um dia que os *hermanos*, se pudessem, apagariam: foi a maior goleada que a Argentina sofreu em uma Copa. Precisando da vitória, o técnico tcheco ousou: escalou cinco atacantes natos e apenas três zagueiros. E se deu muito bem. Até porque Labruna e Rossi se mostraram lentos e, para piorar, o goleiro Carrizo e os zagueiros argentinos falharam seguidamente. Com o empate da Irlanda do Norte, os tchecos ainda tinham chance no jogo extra.

The killer

Num grupo com três seleções respeitáveis (Alemanha Ocidental, Argentina e Tchecoslováquia), a grande figura foi o "matador" irlandês Peter McParland, jogador do Aston Villa, da Inglaterra, que marcou 5 gols em 4 jogos.

IRLANDA DO NORTE 2 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA (1 x 1 no tempo normal)

Data: 17 de junho de 1958, terça-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Malmö FF, em Malmö
Público: 6 196 pessoas
Gols: *Zikan* (19) e *McParland* (44 do 1º); *McParland* (9 do 1º da prorrogação)
Irlanda do Norte – *Uprichard, Keith, Cunningham* e *McMichael; Blanchflower* e *Peacock; Bingham, Cush, Scott, McIlroy* e *McParland.*
Técnico: Peter Doherty
Tchecoslováquia – *Dolejsi, Mraz, Popluhar* e *Novak; Bubernik* e *Masopust; Dvorak, Borovicka, Molnar, Feureisl* e *Zikan.*
Técnico: Karel Kolski
Juiz: Maurice Guigue (França)
Auxiliares: Ahlner (Suécia) e Campos (Portugal)

Adeus, ousadia

A ousadia que levou os tchecos à vitória contra a Argentina foi esquecida. O treinador reforçou a defesa e buscou o gol com cautela. Ele veio, mas o empate irlandês levou a partida para a prorrogação. Aos 9 minutos do primeiro tempo, numa jogada clássica (bola na área em cobrança de falta), McParland acertou um voleio e selou a vitória.

FRANÇA 7 x 3 PARAGUAI

Data: 8 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Idrottsparken, em Norrkoping
Público: 16 518 pessoas
Gols: *Amarilla* (20), *Fontaine* (24 e 30) e *Amarilla* (pênalti, 44 do 1º); *Romero* (4), *Piantoni* (6), *Wisnieski* (13), *Fontaine* (23), *Kopa* (25) e *Vincent* (39 do 2º)
França – *Remetter, Kaelbel, Jonquet* e *Lerond; Penverne* e *Marcel; Wisnieski, Piantoni, Fontaine, Kopa* e *Vincent*.
Técnico: Paul Nicolas
Paraguai – *Mayeregger, Arevalo, Juan Lezcano* e *Miranda; Villalba* e *Achucarro; Aguero, Parodi, Romero, Cayetano Re* e *Amarilla*.
Técnico: Aurelio Gonzalez
Juiz: Juan Gardeazabal (Espanha)
Auxiliares: Griffiths (País de Gales) e Brozzi (Argentina)

Vira pra cá, vira pra lá

Antes que a goleada se desenhasse, a platéia assistiu a um jogo emocionante: o Paraguai fez 1 x 0, a França virou para 2 x 1, com 2 gols quase idênticos de Fontaine,e o Paraguai virou de novo. Aí, o meia Parodi saiu de campo quase desacordado, depois de um choque de cabeças com Marcel, e uma bobeira geral tomou conta dos paraguaios. A goleada de 7 x 3 foi uma surpresa até para o mais otimista dos franceses.

Trio entrosado

A França não pôde convocar seu artilheiro nas eliminatórias, Thadée Cisowski, do Racing de Paris, que estava machucado. O técnico Paul Nicolas decidiu, então, escalar a dupla de área do Stade de Reims: Piantoni e Fontaine. Na meia, entrou Raymond Kopa, que também era do Stade até 1956, quando foi para o Real Madrid (e, por isso, não havia disputado as eliminatórias). Como a Espanha não participou da Copa, os dirigentes do Real concordaram em liberá-lo. E o trio Piantoni-Fontaine-Kopa foi responsável por 5 dos 7 gols franceses na estréia.

IUGOSLÁVIA 1 x 1 ESCÓCIA

Data: 8 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Arosvallen, em Vasteras
Público: 9 591 pessoas
Gols: *Petakovic* (6 do 1º); *Murray* (3 do 2º)
Iugoslávia – *Beara, Sijakovic, Zebec* e *Crnkovic; Krstic* e *Boskov; Petakovic, Veselinovic, Milutinovic, Sekalurac* e *Rajkov*.
Técnico: Aleksander Tirnanic
Escócia – *Younger, Caldow, Evans* e *Hewie; Turnbull* e *Cowie; Leggat, Murray, Mudie, Collins* e *Imlach*.
Técnico: comissão técnica da Liga Escocesa
Juiz: Paul Wyssling (Suíça)
Auxiliares: Macko (Tchecoslováquia) e Orlandini (Itália)

Candidata ao título?

A Iugoslávia havia conseguido dois grandes resultados antes da Copa – 6 x 1 na Itália e 5 x 0 na Inglaterra, suficientes para ser colocada na lista dos candidatos ao título. O gol de Petakovic reforçou essa impressão. O empate logo no início do segundo tempo era tudo que os escoceses queriam para se fechar na defesa e segurar o placar.

Aposta furada

O favoritismo da Iugoslávia era tão grande que as casas de apostas de Glasgow pagavam 10 para 1 para uma vitória da Escócia. Quem investiu seu dinheiro nos iugoslavos quebrou a cara.

PARAGUAI 3 x 2 ESCÓCIA

Data: 11 de junho de 1958, quarta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Idrottsparken, em Norrkoping
Público: 11 665 pessoas
Gols: *Aguero* (4), *Mudie* (23) e *Cayetano Re* (44 do 1º); *Parodi* (28) e *Collins* (29 do 2º)
Paraguai – *Aguilar, Arevalo, Juan Lezcano* e *Echague; Villalba* e *Achucarro; Aguero, Parodi, Romero, Cayetano Re* e *Amarilla*.
Técnico: Aurelio Gonzalez
Escócia – *Younger, Caldow, Evans* e *Parker; Turnbull* e *Cowie; Leggat, Mudie, Robertson, Collins* e *Fernie*.
Técnico: comissão técnica da Liga Escocesa
Juiz: Vincenzo Orlandini (Itália)
Auxiliares: Gardeazabal (Espanha) e Andren (Suécia)

Violência e reabilitação

Num jogo repleto de entradas desleais, que o juiz fez de conta que não viu, o Paraguai conseguiu se reabilitar da goleada para a França. No início do segundo tempo o centroavante escocês Mudie se machucou e foi fazer número na ponta direita, reduzindo o poder ofensivo de sua equipe. Nos 15 minutos finais, o Paraguai segurou o 3x2.

O gol 500

Para o escocês Collins, restou um pequeno consolo após a derrota: seu gol foi o de número 500 da história das Copas.

Eles tinham razão
Antes da partida, a crônica esportiva já prevenia que os resultados anteriores de franceses (a goleada de 7 x 3 sobre o Paraguai) e iugoslavos (o magro empate em 1 x 1 com a Escócia) deveriam ser desconsiderados. Porque nem a França era tão boa nem a Iugoslávia era tão fraca. Para provar que os críticos tinham razão, a Iugoslávia venceu.

IUGOSLÁVIA 3 x 2 FRANÇA
Data: 11 de junho de 1958, quarta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Arosvallen, em Vasteras
Público: 12 217 pessoas
Gols: *Fontaine* (5) e *Petakovic* (16 do 1º); *Veselinovic* (18), *Fontaine* (35) e *Veselinovic* (42 do 2º)
Iugoslávia – *Beara, Tomic, Zebec* e *Crnkovic; Krstic* e *Boskov; Petakovic, Veselinovic, Milutinovic, Sekalurac* e *Rajkov.*
Técnico: Aleksander Tirnanic
França – *Remetter, Kaelbel* e *Jonquet; Marche, Penverne* e *Marcel; Wisnieski, Piantoni, Fontaine, Kopa* e *Vincent.*
Técnico: Paul Nicolas
Juiz: Mervyn Griffiths (País de Gales)
Auxiliares: Dragvoll (Noruega) e Wyssling (Suíça)

Ficou tudo embolado
Os franceses reclamaram do jogo pesado dos iugoslavos, principalmente das constantes trombadas em Kopa, algumas delas fora do lance. Numa das raras vezes em que o meia conseguiu um pouco de espaço, fez um lançamento milimétrico para Fontaine, que empatou o jogo em 2 x 2, aos 35 minutos do segundo tempo. Mas a 3 minutos do fim Veselinovic definiu o placar. O resultado embolou o grupo e deixou os quatro times com chances de classificação após duas rodadas.

FRANÇA 2 x 1 ESCÓCIA
Data: 15 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Eyravallen, em Orebro
Público: 13 554 pessoas
Gols: *Kopa* (22) e *Fontaine* (44 do 1º); *Baird* (21 do 2º)
França – *Abbes, Kaelbel* e *Jonquet; Lerond, Penverne* e *Marcel; Wisnieski, Piantoni, Fontaine, Kopa* e *Vincent.*
Técnico: Paul Nicolas
Escócia – *Brown, Caldow, Evans* e *Hewie; Turnbull* e *MacKay; Murray, Mudie, Baird, Collins* e *Imlach.*
Técnico: comissão técnica da Liga Escocesa
Juiz: Juan Brozzi (Argentina)
Auxiliares: Orlandini (Itália) e Wyssling (Suíça)

Goleiro pé-quente
A França estreou seu goleiro titular, Claude Abbes, do St. Etienne, que não participara dos dois primeiros jogos, por contusão. E a Escócia, após a batalha contra o Paraguai, teve de substituir o goleiro e mais quatro jogadores. A vitória francesa foi apertada (Abbes foi o melhor em campo) e o resultado poderia ter sido outro se, logo após o primeiro gol, o lateral escocês Hewie não tivesse chutado um pênalti – inexistente – na trave.

"A mais horrível"
Os paraguaios entraram em campo usando a tática que tinha dado certo contra a Escócia: marcação individual, encontrões, empurrões e faltas. Mas isso não era novidade para a Iugoslávia. Entre um gol e outro, a torcida viu o que o jornal *A Gazeta Esportiva* chamou de "a mais horrível partida da Copa".

IUGOSLÁVIA 3 x 3 PARAGUAI
Data: 15 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Tunavallen, em Eskilstuna
Público: 13 103 pessoas
Gols: *Ognjanovic* (12), *Parodi* (21) e *Veselinovic* (28 do 1º); *Aguero* (6), *Rajkov* (29) e *Romero* (35 do 2º)
Iugoslávia – *Beara, Tomic, Zebec* e *Crnkovic; Krstic* e *Boskov; Petakovic, Veselinovic, Ognjanovic, Sekalurac* e *Rajkov.*
Técnico: Aleksander Tirnanic
Paraguai – *Aguilar, Arevalo, Juan Lezcano* e *Echague; Villalba* e *Achucarro; Aguero, Parodi, Romero, Cayetano Re* e *Amarilla.*
Técnico: Aurelio Gonzalez
Juiz: Martin Macko (Tchecoslováquia)
Auxiliares: Gardeazabal (Espanha) e Griffiths (País de Gales)

Adiós, muchachos
O Paraguai, além da desclassificação, viu sua Seleção virar poeira: antes mesmo do fim do Mundial, oito de seus 11 titulares foram vendidos para times de outros países.

Decisão no saldo de gols
A Iugoslávia abriu o placar e as duas equipes foram marcando gols alternados, até o 3 x 3. A equipe só não saiu com a vitória porque o goleiro Beara falhou em 2 gols. Mas o empate bastava. Franceses e iugoslavos terminaram com o mesmo número de pontos e, no saldo de gols (4 contra 1), os gauleses garantiram a primeira colocação do grupo.

SUÉCIA 3 x 0 MÉXICO

Data: 8 de junho de 1958, domingo
Horário: 14 horas
Estádio: Solna-Rasunda, em Estocolmo
Público: 34 107 pessoas
Gols: *Simonsson* (16 do 1º); *Liedholm* (pênalti, 12) e *Simonsson* (19 do 2º)
Suécia – *Svensson, Bergmark* e *Axbom; Liedholm, Gustavsson* e *Parling; Hamrin, Mellberg, Simonsson, Gunnar Gren* e *Skoglund.*
Técnico: George Raynor
México – *Carbajal, Del Muro* e *Villegas; Portugal, Romo* e *Flores; Hernandez, Reyes, Calderón, Crescencio Gutierrez* e *Sesma.*
Técnicos: Antonio Lopez Herranz e Ignacio Telles
Juiz: Nikolai Latichev (União Soviética)
Auxiliares: Mowat (Escócia) e Eriksson (Finlândia)

Sob os olhos do rei

O jogo inaugural da Copa foi disputado cinco horas antes dos outros sete da primeira rodada. O rei Gustavo Adolfo VI, num brevíssimo discurso, em inglês e em sueco, declarou aberta a competição. A cerimônia e a partida foram transmitidas pela rede de TV Eurovisão para os países europeus. Em campo, a Suécia tocava passes, enquanto o México corria muito. Simonsson foi a figura do jogo, marcando duas vezes e sofrendo um pênalti claro, porém desnecessário, que resultou no segundo gol. Curiosamente, os dois goleiros da Suécia se chamavam Svensson. O titular, Karl, do Helsingborg, era o mesmo que havia levado 7 gols do Brasil no Maracanã, na Copa de 1950 – jogo do qual também participara o ponteiro Skoglund. Oito anos depois, Svensson continuava no Helsingborg, enquanto Skoglund já tinha ficado milionário na Itália. Aliás, a Federação Sueca conseguiu junto à Liga Italiana a liberação de jogadores veteranos, da geração que conquistara o título olímpico de 1948, como Niels Liedholm, que atuava pelo Milan; Kurt Hamrin, do Padova; e Lennart Skoglund, da Inter de Milão.

Deusas loiras

Antes do jogo, os organizadores programaram uma demonstração de ginástica artística. A platéia sueca reagiu com aplausos benevolentes, mas os jornalistas – principalmente os sul-americanos – entraram em transe ao deparar com mulheres de 1,80 metro de altura, corpos perfeitos e roupas colantes. E a torcida ali, sem entender por que os fotógrafos gastavam rolos de filmes para documentar um mero exercício de cultura física.

HUNGRIA 1 x 1 PAÍS DE GALES

Data: 8 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Jernvallen, em Sandviken
Público: 15 343 pessoas
Gols: *Bozsic* (4) e *John Charles* (26 do 1º)
Hungria – *Grosics, Matrai, Sipos* e *Sarosi; Bozsic* e *Berendi; Sandor, Hidegkuti, Tichy, Bundzsak* e *Fenyvesi.*
Técnico: Lajos Baroti
País de Gales – *Kelsey, Williams, Mel Charles* e *Hopkins; Sullivan* e *Bowen; Webster, Medwin, John Charles, Allchurch* e *Jones.*
Técnico: Jimmy Murphey
Juiz: José Maria Codesal (Uruguai)
Auxiliares: Lemesic (Iugoslávia) e Van Nuffel (Bélgica)

O fim de uma esperança

Havia alguma esperança de que os húngaros voltassem a apresentar o futebol que encantara o mundo entre 1950 e 1956. E a expectativa cresceu com o gol de Bozsic (um dos três remanescentes do esquadrão de 1954), logo aos 4 minutos. Como de praxe, a Hungria partiu para cima do adversário e abriu a contagem. Mas o sonho acabou quando o time recuou para segurar o resultado e sofreu o empate, aos 26 minutos. O gigante galês John Charles (que jogava na Juventus de Turim) cabeceou para as redes de Grosics após a cobrança de um escanteio. Daí em diante, o País de Gales percebeu que sua única jogada eficiente – os cruzamentos para John Charles – combinava perfeitamente com a grande deficiência húngara: zagueiros lentos e sem muita impulsão. John Charles cabeceou várias bolas com perigo no segundo tempo e, para surpresa geral, o jogo terminou com os galeses atacando e os húngaros atrás, garantindo o empate.

MÉXICO 1 x 1 PAÍS DE GALES

Data: 11 de junho de 1958, quarta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Solna-Rasunda, em Estocolmo
Público: 15 150 pessoas
Gols: *Allchurch* (32 do 1º); *Belmonte* (44 do 2º)
México – *Carbajal, Del Muro* e *Miguel Gutierrez; Cárdenas, Romo* e *Flores; Belmonte, Reyes, Blanco, Gonzalez* e *Sesma.*
Técnicos: Antonio Lopez Herranz e Ignacio Telles
País de Gales – *Kelsey, Williams, Mel Charles* e *Hopkins; Sullivan* e *Bowen; Webster, Medwin, John Charles, Allchurch* e *Jones.*
Técnico: Jimmy Murphey
Juiz: Leo Lemesic (Iugoslávia)
Auxiliares: Codesal (Uruguai) e Latichev (União Soviética)

O herói mexicano

Este foi um jogo histórico para o México. Depois de 28 anos, o primeiro ponto em Copas do Mundo (antes, tinham sido nove partidas e nove derrotas). Os galeses, com seu futebol de chuveirinhos, fizeram 1 x 0 e adotaram uma irritante passividade, como se não acreditassem na correria mexicana. A 1 minuto do apito final, o desconhecido Jaime Belmonte, do pequeno Cuautla, enfiou a cabeça na bola depois de um bate-rebate na área, empatou o confronto e virou um herói nacional mexicano.

SUÉCIA 2 x 1 HUNGRIA

Data: 11 de junho de 1958, quarta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Solna-Rasunda, em Estocolmo
Público: 38 850 pessoas
Gols: *Hamrin* (34 do 1º); *Hamrin* (10) e *Tichy* (32 do 2º)
Suécia – *Svensson, Bergmark* e *Axbom; Liedholm, Gustavsson* e *Parling; Hamrin, Mellberg, Simonsson, Gunnar Gren* e *Skoglund.*
Técnico: George Raynor
Hungria – *Grosics, Matrai, Sipos* e *Sarosi; Szojka* e *Berendi; Sandor, Bozsic, Tichy, Bundzsak* e *Fenyvesi.*
Técnico: Lajos Baroti
Juiz: Jack Mowat (Escócia)
Auxiliares: Dragvoll (Noruega) e Van Nuffel (Bélgica)

Alteração inútil

Numa substituição que ninguém entendeu, o técnico húngaro Lajos Baroti sacou Hidegkuti, o cérebro do time, e avançou o médio Bozsic para a meia de armação. Bozsic fez o que pôde, preparando jogadas para o jovem centroavante do Honvéd, Lajos Tichy, disparar seus chutes violentos. Mas foi pouco para a decadente Hungria.

Classificação antecipada

Jogando em seu estilo de toques curtos e sem muita imaginação, a Suécia repetiu o que fizera contra o México, envolveu os húngaros e dominou o jogo. Liedholm ainda perdeu um pênalti aos 24 minutos do segundo tempo. Com duas vitórias em duas rodadas, os suecos se classificaram antecipadamente para as quartas-de-final.

SUÉCIA 0 x 0 PAÍS DE GALES

Data: 15 de junho de 1958, domingo
Horário: 14 horas
Estádio: Solna-Rasunda, em Estocolmo
Público: 30 287 pessoas
Suécia – *Svensson, Bergmark* e *Axbom; Borjesson, Gustavsson* e *Parling; Berndtsson, Selmonsson, Kallgren, Lofgren* e *Skoglund.*
Técnico: George Raynor
País de Gales – *Kelsey, Williams, Mel Charles* e *Hopkins; Sullivan* e *Bowen; Vernon, Hewitt, John Charles, Allchurch* e *Jones.*
Técnico: Jimmy Murphey
Juiz: Lucien van Nuffel (Bélgica)
Auxiliares: Latichev (União Soviética) e Lemesic (Iugoslávia)

Empate chato sem gols

Já classificada, a Suécia poupou Liedholm e o resto do ataque titular, à exceção do ponteiro Skoglund. E jogou apenas o suficiente para manter a invencibilidade. País de Gales, que poderia obter a classificação com uma vitória sobre os donos da casa, jogou na defesa e o resultado foi um chato empate sem gols – o segundo em toda a história das Copas. Mas ainda havia chances, dependendo do resultado de Hungria x México.

HUNGRIA 4 x 0 MÉXICO

Data: 15 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Jernvallen, em Sandviken
Público: 13 310 pessoas
Gols: *Tichy* (19 do 1º); *Tichy* (1), *Sandor* (9) e *Bencsics* (24 do 2º)
Hungria – *Ilku, Matrai, Sipos* e *Sarosi; Szojka* e *Kotasz; Budai, Bencsics, Hidegkuti, Tichy* e *Sandor.*
Técnico: Lajos Baroti
México – *Carbajal, Del Muro* e *Miguel Gutierrez; Cárdenas, Spulveda* e *Flores; Belmonte, Reyes, Blanco, Gonzalez* e *Sesma.*
Técnicos: Antonio Lopez Herranz e Ignacio Telles
Juiz: Arne Eriksson (Finlândia)
Auxiliares: Codesal (Uruguai) e Mowat (Escócia)

Recorde negativo

Pelo lado mexicano, o talismã Jaime Belmonte (autor do gol de empate contra País de Gales) jogou o que todo mundo suspeitava que ele realmente jogava: nada. E os mexicanos se despediram da Copa com sua décima derrota em 11 jogos desde 1930.

Ataque novo e goleada

O teimoso técnico Lajos Baroti reformulou o ataque húngaro e promoveu o retorno de Hidegkuti ao time. Mas tirou Bozsic, como se os dois, que tinham estado lado a lado durante oito anos, não pudessem mais atuar juntos. Só que, desta vez, a aposta funcionou. Tichy acertou dois de seus chutes fortíssimos e praticamente matou o jogo no primeiro minuto do segundo tempo. Hungria e País de Gales terminaram com três pontos e tiveram de fazer um jogo extra para definir o segundo lugar do grupo.

PAÍS DE GALES 2 x 1 HUNGRIA

Data: 17 de junho de 1958, terça-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Solna-Rasunda, em Estocolmo
Público: 2 832 pessoas
Gols: *Tichy* (33 do 1º); *Allchurch* (10) e *Medwin* (31 do 2º)
País de Gales – *Kelsey, Williams, Mel Charles* e *Hopkins; Sullivan* e *Bowen; Medwin, Hewitt, John Charles, Allchurch* e *Jones.*
Técnico: Jimmy Murphey
Hungria – *Grosics, Matrai, Sipos* e *Sarosi; Bozsic* e *Kotasz; Budai, Bencsics, Bundzsak, Tichy* e *Fenyvesi.*
Técnico: Lajos Baroti
Juiz: Nikolai Latichev (União Soviética)
Auxiliares: Codesal (Uruguai) e Eriksson (Finlândia)

Estádio vazio

O público pareceu adivinhar que não veria um bom jogo, tanto que a platéia foi a menor da Copa de 1958, apenas 2 832 pessoas.

Não entendi

Aos 34 minutos do segundo tempo, o juiz Nikolai Latichev expulsou o jogador Sipos, que reclamava em altos brados. O árbitro, soviético, admitiu que não fazia a menor idéia do que o húngaro estava dizendo.

Pancadaria na despedida

Voltou Bozsic, saiu Hidegkuti. Contrariando seu tradicional estilo artístico, a Hungria foi violenta e o atacante galês John Charles, depois de levar várias entradas por trás, acabou deixando o campo, machucado. Tichy abriu o placar no primeiro tempo, mas dois descuidos húngaros permitiram a virada galesa no segundo tempo. País de Gales seguiu para enfrentar o Brasil nas quartas-de-final e a Hungria voltou para casa.

DE OLHO NA TAÇA

A voz do povo

No Brasil, o índice de confiança no sucesso da Seleção na Copa de 1958 era apenas médio. Mas o mundo tinha outra opinião. Um mês antes do início do Mundial, uma pesquisa do instituto Gallup apontava os favoritos do público sueco para levantar a taça:

1) Brasil
2) União Soviética
3) Iugoslávia
4) Suécia
5) Argentina.

Duas semanas antes do início da disputa, o jornal sueco *Se Sporten* indicou os favoritos da imprensa estrangeira:

1) Brasil
2) União Soviética
3) Argentina
4) Iugoslávia
5) Suécia.

A voz discordante vinha da França: a *France Football* não incluía o Brasil entre os favoritos, não por falta de técnica, mas de preparo mental (a revista enfatizava que só o Brasil levara para a Copa um psicólogo, figura estranha aos manuais do futebol).

Oitavas-de-final

GRUPO IV **ÁUSTRIA, BRASIL, INGLATERRA e UNIÃO SOVIÉTICA**

BRASIL 3 x 0 ÁUSTRIA

Data: 8 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Rimnersvallen, em Uddevalla
Público: 20 000 pessoas
Gols: *Mazzola* (37 do 1º); *Nilton Santos* (6) e *Mazzola* (44 do 2º)
Brasil – *Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando* e *Nilton Santos; Dino* e *Didi; Joel, Mazzola, Dida* e *Zagalo.*
Técnico: Vicente Feola
Áustria – *Szanwald, Halla, Happel* e *Swoboda; Hanappi* e *Koller; Horak, Senekowitsch, Buzek, Alfred Korner* e *Schleger.*
Técnico: Josef Molzer
Juiz: Maurice Guigue (França)
Auxiliares: Dusch (Alemanha Ocidental) e Bronkhorst (Holanda)

Com o pé direito

Considerando a qualidade do adversário – a Áustria tinha ficado em terceiro lugar na Copa de 1954 –, o Brasil estreou muito bem. Mas os 3 x 0 foram um resultado elástico para um jogo equilibrado. Os primeiros 25 minutos mostraram nossa Seleção algo hesitante. Nesse período, a Áustria até teve um ligeiro domínio territorial, mas sem ameaçar. Aos 37 minutos, com a partida ainda indefinida, Didi, da linha intermediária do Brasil, fez um lançamento longo para Mazzola. Da entrada da área, ele acertou um chute forte de pé direito, no ângulo esquerdo de Szanwald, fazendo 1 x 0. Com o gol, o time brasileiro se acalmou e passou a controlar a partida. Aos 6 minutos do segundo tempo, o lateral Nilton Santos roubou uma bola de Horak no meio do campo, avançou para o ataque, tocou para Mazzola e recebeu de volta, já dentro da grande área. Com frieza de artilheiro, Nilton Santos encobriu o goleiro: 2 x 0. Na época, gol de lateral não era normal, tanto que nem ele se lembrava do último que tinha marcado. No restante do segundo tempo, os pontas Joel e Zagalo recuaram para ajudar no combate e na armação. Aos 43 minutos, Mazzola, após um passe de Dida, chutou rasteiro no canto esquerdo, definindo o placar.

O encanto das liras

José João Altafini, do Palmeiras, tinha o apelido de Mazzola desde os tempos do XV de Piracicaba por sua semelhança física com o meia Valentino Mazzola, do Torino (Itália). Mas, apesar dos 2 gols contra a Áustria, sua situação no time estava perigando. Rumores de que ele havia recebido uma proposta milionária do Milan circulavam desde antes da Copa. E, segundo alguns dirigentes brasileiros, as liras italianas estavam fazendo com que o jovem atacante de 19 anos começasse a mostrar sinais de falta de concentração.

UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 2 INGLATERRA

Data: 8 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Nya Ullevi, em Gotemburgo
Público: 49 348 pessoas
Gols: *Simonian* (14 do 1º); *Alexander Ivanov* (11), *Kevan* (21) e *Finney* (pênalti, 39 do 2º)
União Soviética – *Yashin, Kesarev, Khrizhevski* e *Kuznetsov; Voinov* e *Tsarev; Alexander Ivanov, Valentin Ivanov, Simonian, Salnikov* e *Ilyin.*
Técnico: Gavril Katchalin
Inglaterra – *McDonald, Howe* e *Banks; Clamp, Wright* e *Slater; Douglas, Robson, Kevan, Haynes* e *Finney.*
Técnico: Walter Winterbottom
Juiz: Istvan Zsolt (Hungria)
Auxiliares: Jorgensen (Dinamarca) e Nilssen (Noruega)

Clássico esperado

Este foi um jogo muito aguardado. A Inglaterra queria desfazer a péssima impressão deixada ao levar 5 x 0 da Iugoslávia em Belgrado, um mês antes da Copa. E a União Soviética queria mostrar ao mundo seu "futebol científico". A novidade tática dos soviéticos estava no ataque: os meias jogavam colados aos pontas. Simonian, o centroavante, ora caía pela esquerda e ora pela direita, confundindo a marcação inglesa. Por isso, o volante inglês Billy Wright jogou mais como líbero, protegendo a defesa, o que não impediu os 2 gols soviéticos. Com 2 x 0 no marcador, tudo parecia resolvido. Mas os ingleses têm uma jogada que vem dando certo desde o século 19: o cruzamento da lateral para os atacantes. E foi assim que Kevan diminuiu, aos 21 minutos. O time ganhou moral e conseguiu o empate aos 39 minutos, quando Haynes foi derrubado quase na risca da grande área. Mas o juiz, mal colocado, assinalou o pênalti. O empate deixou o Brasil, ao menos temporariamente, na liderança do grupo da morte.

UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 0 ÁUSTRIA

Data: 11 de junho de 1958, quarta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Ryavallen, em Boras
Público: 21 239 pessoas
Gols: *Ilyin* (14 do 1º); *Alexander Ivanov* (17 do 2º)
União Soviética – *Yashin, Kesarev, Khrizhevski e Kuznetsov; Voinov e Tsarev; Alexander Ivanov, Valentin Ivanov, Simonian, Salnikov e Ilyin.*
Técnico: Gavril Katchalin
Áustria – *Schmied, Ernst Kozlicek, Stotz e Swoboda; Hanappi e Koller; Horak, Paul Kozlicek, Buzek, Alfred Korner e Senekowitsch.*
Técnico: Josef Molzer
Juiz: Carl Jorgensen (Dinamarca)
Auxiliares: Nilssen (Noruega) e Ackeborn (Suécia)

Previsão precisa

Como os austríacos haviam previsto após o sorteio, o grupo IV era forte demais. E a Áustria, com duas derrotas em dois jogos, já estava eliminada da Copa.

Vai que é sua, Yashin

O técnico austríaco, descontente com a atuação na estréia, fez cinco alterações. Promoveu o retorno do veterano goleiro Schmied, escalou os irmãos Kozlicek, do Wacker Club, e reformulou quase toda a defesa. Funcionou mais ou menos. Os soviéticos só sossegaram quando Ilyin fez 1 x 0. Aos 10 minutos do segundo tempo, a Áustria conseguiu um pênalti. Mas Yashin agarrou, sem sequer dar rebote. Daí em diante, a União Soviética se limitou a ataques esporádicos, sempre em massa. Um deles, aos 17 minutos, foi concluído por Ivanov, quando sete jogadores soviéticos estavam dentro da área austríaca.

BRASIL 0 x 0 INGLATERRA

Data: 11 de junho de 1958, quarta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Nya Ullevi, em Gotemburgo
Público: 40 985 pessoas
Brasil – *Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Dino e Didi; Joel, Mazzola, Vavá e Zagalo.*
Técnico: Vicente Feola
Inglaterra – *McDonald, Howe e Banks; Clamp, Wright e Slater; Douglas, Robson, Kevan, Haynes e A'Court.*
Técnico: Walter Winterbottom
Juiz: Albert Dusch (Alemanha Ocidental)
Auxiliares: Zsolt (Hungria) e Loow (Suécia)

O primeiro 0 x 0

Vicente Feola fez uma alteração no Brasil: Dida, que não agradara contra a Áustria, deu o lugar para Vavá, do Vasco. Comentou-se depois que Dida havia ficado "espiritualmente abalado" por não ter repetido suas boas atuações no Flamengo. Assim, a Seleção entrou em campo com dois centroavantes, Vavá e Mazzola. E a Inglaterra teve de trocar o ponteiro esquerdo Finney, machucado, por Alan A'Court, do Liverpool. O Brasil jogou até melhor do que na estréia, principalmente no primeiro tempo, e criou quatro claras chances de gol. Mas, desta vez, deu azar. Vavá acertou o travessão de McDonald aos 29 minutos do primeiro tempo e o goleiro inglês fez uma defesa milagrosa numa cabeçada de Mazzola 4 minutos depois. No segundo tempo, McDonald ainda pegou uma falta cobrada por Didi quando os locutores de rádio brasileiros já puxavam o fôlego para gritar "gol!". E fez outra grande defesa quando Vavá e Mazzola apareceram livres na área e Mazzola chutou em cima dele. Já os ingleses tiveram apenas uma chance de gol. Aos 8 minutos do segundo tempo,

AG. O GLOBO

Orlando resolveu brincar, atrasando uma bola de letra para Gilmar, mas o atacante Robson chegou antes e tocou para o gol. Bellini, na pequena área, conseguiu evitar o desastre. De qualquer forma, o jogo foi histórico: depois de 28 anos e de 117 partidas disputadas em seis Copas do Mundo, este foi o primeiro 0 x 0. Para a Inglaterra, o resultado foi bom: com dois pontos em dois jogos, os ingleses enfrentariam a eliminada Áustria na última rodada. Brasil e União Soviética, ambos com três pontos, fariam o outro embate. Se empatassem e a Inglaterra vencesse, haveria um tríplice empate no primeiro lugar e a decisão seria no saldo de gols. E aí o Brasil levava vantagem (3, contra 2 dos soviéticos). Para se classificar, a científica União Soviética precisava da vitória.

Lenda e realidade

Diz a lenda que uma comissão de jogadores – Bellini, Didi e Nilton Santos – foi ao técnico Vicente Feola exigir a escalação de Pelé e Garrincha. Mas não foi bem assim. Dois dias antes do jogo, já era dada como certa a estréia de Pelé, recuperado da contusão que sofrera no Brasil. Mas ninguém sabia que Garrincha substituiria Joel.
Nos dois primeiros jogos, Joel recebera boas notas da imprensa, por ser um ponteiro "moderno", que ajudava na marcação. Mas Zagalo também fazia isso pela esquerda.
Com a entrada de Zito, um marcador incansável, Feola teve a chance de reforçar o ataque com um ponta autêntico. Ele tinha duas opções: substituir Zagalo por Pepe ou Joel por Garrincha.
E ficou com a segunda. A alteração, decidida num treino secreto na véspera do jogo, foi comunicada a todo o grupo. E o doutor Paulo Machado de Carvalho, como sempre fazia, foi ouvir a opinião dos atletas mais experientes. Bellini, como capitão, se manifestou a favor, e foi apoiado por Nilton Santos e Didi. Dessas conversas informais, após o anúncio oficial, surgiu mais tarde a lenda da rebelião.

BRASIL 2 X 0 UNIÃO SOVIÉTICA

Data: 15 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Nya Ullevi, em Gotemburgo
Público: 50 928 pessoas
Gols: *Vavá* (3 do 1º); *Vavá* (31 do 2º)
Brasil – *Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando* e *Nilton Santos; Zito* e *Didi; Garrincha, Vavá, Pelé* e *Zagalo.*
Técnico: Vicente Feola
União Soviética – *Yashin, Kesarev, Khrizhevski* e *Kuznetsov; Voinov* e *Tsarev; Alexander Ivanov, Valentin Ivanov, Simonian, Igor Netto* e *Ilyin.*
Técnico: Gavril Katchalin
Juiz: Maurice Guigue (França)
Auxiliares: Jorgensen (Dinamarca) e Nilssen (Noruega)

Um verdadeiro baile

Na véspera do jogo já se sabia que Dino Sani, do São Paulo, daria o lugar para Zito, do Santos. Dino saíra de campo após o empate contra a Inglaterra reclamando de dores na virilha e o doutor Gosling achou imprudente liberá-lo para atuar contra os soviéticos. Dino era mais técnico, Zito tinha mais raça. E Didi, um armador não muito afeito à marcação, teria um companheiro mais pegador a seu lado. Assim, a contusão, mais do que um problema, acabou sendo uma solução. Além disso, Pelé e Garrinhca também estreariam na Copa.
O confronto teve a maior platéia da Copa (quase 51 000 pessoas – e num jogo das oitavas-de-final!). O Brasil não sabia bem o que esperar. Sabia-se que a carga de exercícios físicos a que os soviéticos se submetiam era descomunal (da concentração brasileira, era possível ver os soviéticos correndo por várias horas seguidas em seu campo de treinamento, e nossos jogadores ficavam cansados só de olhar). Até as quatro letras que apareciam nas camisas – CCCP – tinham um ar de mistério. A sigla significava União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, só que no alfabeto cirílico – em que o C tem som de S e o P, de R. A transcrição fonética era *Soiuz Sovietskikh Sotsialistitcheskikh Respublik* e a simples tentativa de pronunciar tudo isso despertava os piores temores. Mas quando o jogo começou a Seleção não precisou de mais de 180 segundos para mostrar que Feola acertara em cheio nas trocas. Na primeira bola que recebeu, Garrincha passou por seu marcador como se ele não existisse, entrou na área e carimbou a trave esquerda de Yashin. Um minuto depois, em nova jogada de Garrincha, Pelé acertou o travessão soviético. E, no lance seguinte, Vavá recebeu um passe de Didi entre dois zagueiros e, na corrida, da meia-lua, chutou forte para abrir o placar. Os soviéticos estavam aparvalhados. Para dominar o meio de campo, o técnico Katchalin havia promovido a estréia de seu melhor jogador, Igor Netto, já recuperado de uma contusão. E ele ainda nem tinha visto a bola quando Vavá marcou 1x0 Daí em diante, o jogo teve duas fases: as poucas de algum equilíbrio e as muitas de domínio brasileiro.
Por isso, o segundo gol até que demorou. Numa troca de passes entre Pelé e Vavá, a bola sobrou entre Vavá e dois zagueiros. Conhecido por sua impetuosidade, o centroavante esticou a perna e fez o gol, mas conseguiu em troca um enorme corte na canela esquerda, causado pelas travas da chuteira de Kesarev.
Nos minutos finais, o Brasil ainda ensaiou um baile, tocando a bola de pé em pé. A imprensa presente, na busca por bons adjetivos, considerou Garrincha "um assombro". Já os ingleses chamaram o ponta de "mercurial", seja lá o que isso queira dizer. O Brasil estava nas quartas-de-final. E cheio de confiança.

EMIL FAFEK

Flores: antes do jogo, gentilezas; depois, um show verde-e-amarelo

INGLATERRA 2 x 2 ÁUSTRIA

Data: 15 de junho de 1958, domingo
Horário: 19 horas
Estádio: Ryavallen, em Boras
Público: 15 872 pessoas
Gols: *Koller* (15 do 1º); *Haynes* (11), *Alfred Korner* (26) e *Kevan* (29 do 2º)
Inglaterra – *McDonald, Howe* e *Banks; Clamp, Wright* e *Slater; Douglas, Robson, Kevan, Haynes* e *A'Court.*
Técnico: Walter Winterbottom
Áustria – *Szanwald, Kollmann, Happel* e *Swoboda; Hanappi* e *Koller; Ernst Kozlicek, Paul Kozlicek, Buzek, Alfred Korner* e *Senekowitsch.*
Técnico: Josef Molzer.
Juiz: Just Bronkhorst (Holanda)
Auxiliares: Dusch (Alemanha Ocidental) e Zsolt (Hungria)

Água no chope inglês

Bastava à Inglaterra vencer a eliminada Áustria para se classificar. Mas os austríacos entraram em campo dispostos a melar a festa. Embora a Inglaterra tenha dominado todo o jogo, a Áustria – que até então não havia marcado nenhum gol na Copa – ficou duas vezes à frente do marcador, graças a dois felizes chutes de longa distância. Os ingleses tiveram de correr atrás do prejuízo e contaram com a sorte: no primeiro gol, o goleiro austríaco tomou o maior frango da Copa, praticamente empurrando para dentro uma cabeçada fraquinha de Haynes. Depois do empate em 2 x 2, os ingleses seguiram atacando. Aos 41 minutos, Robson entrou pela direita e chutou em cima de Szanwald, que saía do gol. A bola voltou, bateu no braço de Robson e entrou, mas o juiz Bronkhurst apontou o toque e anulou o lance. Por coincidência, o mesmo Bobby Robson foi o técnico da Inglaterra na Copa de 1982, quando *la mano de Diós* de Maradona mandou uma bola para as redes inglesas e nem o juiz nem o bandeirinha viram a irregularidade. Assim, empatadas com três pontos na segunda colocação, Inglaterra e União Soviética partiram para um jogo extra, apenas 48 horas depois de terem enfrentado Áustria e Brasil.

UNIÃO SOVIÉTICA 1 x 0 INGLATERRA

Data: 17 de junho de 1958, terça-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Nya Ullevi, em Gotemburgo
Público: 23 182 pessoas
Gol: *Ilyin* (23 do 2º)
União Soviética – *Yashin, Kesarev, Khrizhevski* e *Kuznetsov; Voinov* e *Tsarev; Apukhtin, Valentin Ivanov, Simonian, Falin* e *Ilyin.*
Técnico: Gavril Katchalin
Inglaterra – *McDonald, Howe* e *Banks; Clayton, Wright* e *Slater; Brabook, Broadbent, Kevan, Haynes* e *A'Court.*
Técnico: Walter Winterbottom
Juiz: Albert Dusch (Alemanha Ocidental)
Auxiliares: Seipelt (Áustria) e Bronkhorst (Holanda)

Duelo de titãs

A Inglaterra mexeu de novo no ataque, promovendo as estréias de Brabook e Broadbent. Curiosamente, Bobby Charlton, do Manchester United – que viria a ser um dos melhores atacantes de todos os tempos, campeão do mundo em 1966 –, estava na Seleção Inglesa de 1958 (era o número 20), mas nem foi considerado como opção. O jogo entre ingleses e soviéticos foi tão igual, e tão disputado, que qualquer uma das duas equipes poderia ter vencido. A Inglaterra teve duas grandes chances de gol, mas ambas acabaram na trave de Yashin. E os soviéticos tiveram só uma, mas aproveitaram. Aos 23 minutos do segundo tempo, McDonald saiu jogando errado e entregou a bola nos pés de Ivanov. Após uma rápida troca de passes do ataque, Ilyin concluiu para o gol. A partir daí, a Inglaterra partiu em massa para a frente e Yashin se transformou na grande figura do jogo. Mas o sufoco inglês não deu em nada. A Inglaterra estava eliminada da Copa e a União Soviética continuava na disputa – para enfrentar a Suécia, dona da casa, nas quartas-de-final.

Quartas de Final

ALEMANHA OCIDENTAL 1 x 0 IUGOSLÁVIA

(1º do grupo I x 2º do grupo II)

Data: 19 de junho de 1958, quinta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Malmö FF, em Malmö
Público: 20 055 pessoas
Gol: *Rahn* (12 do 1º)
Alemanha Ocidental – *Herkenrath, Stollenwerk, Erhardt* e *Juskowiak; Eckel* e *Szymaniak; Rahn, Fritz Walter, Seeler, Schmidt* e *Schafer.*
Técnico: Sepp Herberger
Iugoslávia – *Krivokuca, Sijakovic, Zebec* e *Crnkovic; Krstic* e *Boskov; Petakovic, Veselinovic, Ognjanovic, Sekalurac* e *Rajkov.*
Técnico: Aleksander Tirnanic
Juiz: Paul Wyssling (Suíça)
Auxiliares: Campos (Portugal) e Helge (Dinamarca)

Replay de 1954

Depois do jogo, os jornalistas ficaram com a impressão de que já tinham visto aquele filme antes. E tinham mesmo. Nas quartas-de-final de 1954, a Iugoslávia era favorita, mas a Alemanha venceu. Desta vez, o único gol saiu no início do jogo. Depois, os zagueiros alemães se dedicaram a despachar todas as bolas.

FRANÇA 4 x 0 IRLANDA DO NORTE

(1º do grupo II x 2º do grupo I)

Data: 19 de junho de 1958, quinta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Idrottsparken, em Norrkoping
Público: 11 800 pessoas
Gols: *Wisnieski* (44 do 1º); *Fontaine* (11 e 19) e *Piantoni* (23 do 2º)
França – *Abbes, Kaelbel* e *Jonquet; Lerond, Penverne* e *Marcel; Wisnieski, Piantoni, Fontaine, Kopa* e *Vincent.*
Técnico: Paul Nicolas
Irlanda do Norte – *Gregg, Keith, Cunningham* e *McMichael; Blanchflower* e *Cush; Bingham, Casey, Scott, McIlroy* e *McParland.*
Técnico: Peter Doherty
Juiz: Juan Gardeazabal (Espanha)
Auxiliares: Andren (Suécia) e Latichev (União Soviética)

Cansados demais

Os irlandeses entraram em campo cansados, depois do pesado jogo extra de 120 minutos contra os tchecos, 48 horas antes. Além disso, o goleiro Gregg jogou no sacrifício, com o pé machucado, já que seu reserva, Uprichard, estava ainda pior. As esperanças irlandesas estavam todas depositadas no artilheiro McFarland, mas o técnico francês Paul Nicolas preparou sua defesa para não deixá-lo isolado na área.

Massacre francês

A França, principalmente no segundo tempo, jogou como se a Irlanda do Norte nem estivesse em campo. O que salvou a Irlanda do Norte de levar uma goleada já no primeiro tempo foi a força de vontade de seus zagueiros. Quando Winieski finalmente abriu o marcador, acabou-se a resistência.

SUÉCIA 2 x 0 UNIÃO SOVIÉTICA

(1º do grupo III x 2º do grupo IV)

Data: 19 de junho de 1958, quinta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Solna-Rasunda, em Estocolmo
Público: 31 900 pessoas
Gols: *Hamrin* (4) e *Simonsson* (42 do 2º)
Suécia – *Svensson, Bergmark* e *Axbom; Borjesson, Gustavsson* e *Parling; Hamrin, Gunnar Gren, Simonsson, Liedholm* e *Skoglund.*
Técnico: George Raynor
União Soviética – *Yashin, Kesarev, Khrizhevski* e *Kuznetsov; Voinov* e *Tsarev; Alexsander Ivanov, Valentin Ivanov, Simonian, Salnikov* e *Ilyin.*
Técnico: Gavril Katchalin
Juiz: Reginald Leafe (Inglaterra)
Auxiliares: Brozzi (Argentina) e Dragvoll (Noruega)

Mudança tática

O técnico George Raynor fez uma alteração tática: o veterano Nieps Liedholm, que vinha mostrando pouco pulmão para cumprir o papel de médio de apoio, passou a ser armador. Em seu lugar, atrás, entrou Borjesson. E a mudança deu resultado. A Suécia foi para a semifinal. E a União Soviética, de volta para Moscou.

Bota pra correr

Com passes medidos, a Suécia cozinhou a União Soviética, já cansada pelo jogo extra contra a Inglaterra. Aos 4 minutos do segundo tempo, Hamrin abriu o marcador. Com a vantagem, a Suécia passou 38 minutos trocando passes e cansando mais os adversários. Até que os exaustos zagueiros não conseguiram deter Simonsson.

BRASIL 1 x 0 PAÍS DE GALES
(1º do grupo IV x 2º do grupo III)
Data: 19 de junho de 1958, quinta-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Nya Ullevi, em Gotemburgo
Público: 25 923 pessoas
Gol: *Pelé* (20 do 2º)
Brasil – *Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando* e *Nilton Santos; Zito* e *Didi; Garrincha, Mazzola, Pelé* e *Zagalo.*
Técnico: Vicente Feola
País de Gales – *Kelsey, Williams, Mel Charles* e *Hopkins; Sullivan* e *Bowen; Medwin, Hewitt, Webster, Allchurch* e *Jones.*
Técnico: Jimmy Murphey
Juiz: Friedrich Seipelt (Áustria)
Auxiliares: Dusch (Alemanha Ocidental) e Guigue (França)

1 x 1 em contusões

Vavá não se recuperou a tempo da pancada que levara ao marcar o segundo gol contra os soviéticos e foi substituído por Mazzola. Mas o País de Gales tinha um problema pior: seu principal jogador, John Charles, também sem condições de jogo, deu o lugar para Colin Webster, do Manchester United. E vários jogadores galeses reclamavam de dores musculares após o estafante jogo extra contra a Hungria, apenas dois dias antes.

Só o Brasil no ataque

O técnico Jimmy Murphey tomou uma decisão válida, mas extremamente chata: segurar o 0 x 0. E armou seu time com dez jogadores entre a linha do gol e a intermediária, deixando apenas Webster na frente. No primeiro tempo, Gilmar não fez nenhuma defesa (recebeu apenas duas bolas recuadas pelos zagueiros). Do outro lado, Kelsey virou "a" figura do jogo, fazendo intervenções seguras e muita cera – na época, o goleiro podia ficar batendo a bola no chão pelo tempo que quisesse. Apesar de conseguir vários escanteios, o Brasil não levava vantagem no jogo aéreo. E Garrincha, sempre marcado por dois ou três adversários, não conseguia repetir os dribles que desmontaram a União Soviética. Aos 26 minutos do segundo tempo, quando já começavam os sinais de nervosismo, Mazzola levantou a bola de bicicleta para a risca da grande área. Na corrida, Didi tocou de cabeça para Pelé, dentro da área. De costas para o gol, e com o gigante Mel Charles colado nele, Pelé tocou com o pé direito, fazendo a bola passar à frente do zagueiro na altura exata – muito alta para chutar, muito baixa para cabecear. Daí, veio um giro de corpo e o chute de pé direito antes que Williams chegasse para a cobertura. Um golaço. A rapidez da jogada pegou de surpresa o goleiro Kelsey, que nem pulou na bola. Finalmente, o Brasil conseguia seu chorado golzinho – o primeiro de Pelé em Copas do Mundo. Surgiram outras chances para ampliar, porque o ânimo dos galeses murchou totalmente. Aos 36 minutos, Mazzola fez um lindo gol de bicicleta, que o juiz anulou (jogo perigoso), apesar de nenhum adversário estar por perto. Didi foi considerado o melhor em campo, mas todos os abraços foram para Pelé.

Semifinais

SUÉCIA 3 x 1 ALEMANHA OCIDENTAL

Data: 24 de junho de 1958, terça-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Nya Ullevi, em Gotemburgo
Público: 49 471 pessoas
Gols: *Schafer* (24) e *Skoglund* (33 do 1º); *Gunnar Gren* (35) e *Hamrin* (43 do 2º)
Suécia – *Svensson, Bergmark* e *Axbom; Borjesson, Gustavsson* e *Parling; Hamrin, Gunnar Gren, Simonsson, Liedholm* e *Skoglund.*
Técnico: George Raynor
Alemanha Ocidental– *Herkenrath, Stollenwerk, Erhardt* e *Juskowiak; Eckel* e *Szymaniak; Rahn, Fritz Walter, Seeler, Schafer* e *Cieslarczyk.*
Técnico: Sepp Herberger
Juiz: Juan Brozzi (Argentina)
Auxiliares: Ellis (Inglaterra) e Lundell (Suécia)

O juiz deu uma ajudinha

Uma partida equilibrada, com várias oportunidades de gol para ambos os lados, que só pendeu para o lado sueco graças ao juiz argentino Juan Brozzi. Depois de Schafer fazer 1 x 0 para a Alemanha Ocidental, os suecos empataram com 1 gol suspeito de Skoglund. O autor do passe, Liedholm, controlou a bola com o braço, mas Brozzi considerou o toque não intencional.
Aos 14 minutos do segundo tempo, numa disputa de bola, Hamrin e Juskowiak caíram no centro do campo e o sueco deu uma bolacha no alemão – que, menos sutil, levantou e sapecou um pontapé de volta. A 10 metros do lance, o árbitro não viu o tapa, só o revide. E Juskowiak foi expulso. Mesmo com um a menos, os alemães continuaram a dar trabalho. Até que, aos 30 minutos do segundo tempo, Fritz Walter sofreu uma entrada violenta de Parling e passou a fazer número junto à lateral. Assim, a Suécia marcou 2 belos gols nos 10 minutos finais.

BRASIL 5 x 2 FRANÇA

Data: 24 de junho de 1958, terça-feira
Horário: 19 horas
Estádio: Solna-Rasunda, em Estocolmo
Público: 27 100 pessoas
Gols: *Vavá* (2), *Fontaine* (9) e *Didi* (39 do 1º); *Pelé* (8, 19 e 31) e *Piantoni* (38 do 2º)
Brasil – *Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando* e *Nilton Santos; Zito* e *Didi; Garrincha, Vavá, Pelé* e *Zagalo.*
Técnico: Vicente Feola
França – *Abbes, Kaelbel* e *Jonquet; Lerond, Penverne* e *Marcel; Wisnieski, Piantoni, Fontaine, Kopa* e *Vincent.*
Técnico: Paul Nicolas
Juiz: Mervyn Griffiths (País de Gales)
Auxiliares: Leafe (Inglaterra) e Wyssling (Suíça)

O melhor da Copa

Foi o melhor jogo da Copa de 1958. O Brasil começou arrasando, como fizera contra os soviéticos. No primeiro minuto, Pelé perdeu 1 gol cara a cara com Abbes. Aos 2 minutos, Didi lançou Vavá, que matou no peito, entrou sozinho e fulminou Abbes com um chute violento, abrindo o marcador. Mas o empate veio no primeiro lance de perigo criado pelos franceses. Aos 9 minutos, Kopa enfiou uma bola perfeita para Fontaine, que chegou na frente de Bellini, driblou Gilmar e concluiu para a meta vazia. Foi o primeiro gol que o Brasil tomou no Mundial, mas ele não afetou o ânimo geral. Aos 27 minutos, Vavá dividiu com Jonquet e o francês saiu de campo carregado, com suspeita de fratura na perna direita.
Aos 32 minutos, Zagalo fez 1 gol que o juiz não viu: a bola bateu no travessão, caiu dentro e voltou para o campo. Mas Didi anotou 2 x 1 num chute de longa distância, aos 39 minutos. Abbes só percebeu o perigo quando a bola já estava entrando no ângulo esquerdo.
No segundo tempo, o Brasil dominou totalmente, forçando os médios franceses a ficar plantados na defesa. Pelé marcou 3 golaços. »

Festa antecipada

Nos três dias que antecederam o jogo, milhares de torcedores franceses desfilaram seu otimismo pelas ruas de Estocolmo. A euforia contaminou a comissão técnica, que autorizou o embarque das esposas e namoradas dos jogadores para passar a noite com eles, num vôo pago pela revista *L'Équipe*.

O Rei Pelé

Os franceses guardam até hoje na memória os 3 gols de Pelé naquela noite de 24 de junho de 1958. Cinco anos depois, em 28 de abril de 1963, o Brasil voltou a enfrentar a França, no estádio Olympique de Colombes, em Paris. E Pelé voltou a marcar três vezes, na vitória por 3 x 2. Foi quando o jornal *France Soir* deu a ele o nobre apelido de *Le Roi*, "O Rei".

» E Garrincha também fez 1 – seu único na Copa –, que o juiz anulou. Por que, não se sabe, já que ninguém entendeu o que ele disse enquanto apontava o dedo para Garrincha. Vavá, atingido por Lerond, deixou o campo após o quinto gol, mas já estava tudo decidido e o Brasil passou para a grande final. Alguns jornalistas franceses mais nacionalistas atribuíram a derrota mais à contusão de Jonquet do que aos méritos do Brasil. Mas a França até que saiu satisfeita: aquela já era, de longe, sua melhor participação num Mundial.

AG. O GLOBO

Disputa do 3º lugar

FRANÇA 6 x 3 ALEMANHA OCIDENTAL

Data: 28 de junho de 1958, sábado
Horário: 19 horas
Estádio: Nya Ullevi, em Gotemburgo
Público: 32 483 pessoas
Gols: *Fontaine* (16), *Cieslarczyk* (18), *Kopa* (pênalti, 26) e *Fontaine* (36 do 1º); *Douis* (4), *Rahn* (7), *Fontaine* (34), *Schafer* (39) e *Fontaine* (44 do 2º)
França – *Abbes, Kaelbel* e *Lafont; Lerond, Penverne* e *Marcel; Wisnieski, Douis, Fontaine, Kopa* e *Vincent.*
Técnico: Paul Nicolas
Alemanha Ocidental – *Kwiatkowski, Stollenwerk, Erhardt* e *Wewers; Schnellinger* e *Szymaniak; Rahn, Sturm, Kelbassa, Schafer* e *Cieslarczyk.*
Técnico: Sepp Herberger
Juiz: Juan Brozzi (Argentina)
Auxiliares: Ellis (Inglaterra) e Lundell (Suécia)

A defesa colaborou e Fontaine fez a festa

A Alemanha Ocidental entrou em campo desfigurada. O goleiro Herkenrath, Fritz Walter, Eckel e Seeler estavam machucados e não puderam jogar. E Juskowiak tinha sido suspenso pela Fifa, pelo pontapé em Hamrin. Pior, numa decisão considerada um insulto, o juiz argentino Juan Brozzi foi novamente escalado. Quem se aproveitou da situação foi o francês Fontaine, que marcou 4 gols e chegou ao total de 13, tornando-se não apenas o goleador de 1958, mas também o maior artilheiro de uma única Copa até hoje. Embora a França tivesse atuado sem Jonquet e sem Piantoni, a dupla Kopa e Wisnieski se entendeu às mil maravilhas e encheu Fontaine de bolas açucaradas. É verdade que a defesa alemã colaborou: além de falhas infantis de marcação durante toda a partida, nos dois últimos gols Fontaine correu sozinho da linha do meio de campo até dentro da área, sem receber combate. Mas o gol mais bonito foi marcado pelo alemão Rahn – seu nono e último gol em duas Copas do Mundo. Aos 7 minutos do segundo tempo, ele cobrou um escanteio curto para Szymaniak, recebeu a bola de volta, deu um drible curto em Kaelbel e, quase da linha de fundo, sem ângulo, enfiou a bola no alto do gol de Abbes. A França terminou o Mundial em terceiro lugar, com o melhor ataque – 23 gols em seis jogos – e também com a defesa mais vazada – 15 gols contra. A Alemanha Ocidental se despediu levando uma goleada, mas com um bastante honroso quarto lugar.

Argentino e ladrão

Terminada a Copa, o juiz argentino Juan Brozzi veio apitar no Brasil. Ele e outros dois árbitros uruguaios – Esteban Marino e Juan Castaldi – comandaram partidas do Campeonato Paulista de 1958. E, a julgar pelos comentários da época, os alemães tinham razão. Por aqui, sempre que pôde, Brozzi deu uma mãozinha para os times grandes ou que jogavam em casa.

Camisas novas

Na Copa, só Suécia e Brasil jogavam de amarelo. Tradicionalmente, o time da casa usava o segundo uniforme quando o visitante tinha camisas semelhantes. Por isso, a comissão técnica do Brasil nem levou camisas azuis. Mas a Fifa decidiu que em Copas não há "time da casa", apenas "país-sede". E decidiu fazer um sorteio na sexta-feira. O Brasil perdeu e no sábado, véspera da decisão, o roupeiro Francisco de Assis saiu procurando camisas azuis. Achou, de um tom mais escuro e sem a gola branca. Durante a noite, ele ainda teve de despregar das camisas amarelas os escudos da CBD e pregá-los nas azuis. Consta que o kit completo – 13 camisas – custou 35 dólares. Em setembro de 2004, a camisa 10, de Pelé, foi arrematada num leilão por 105 600 dólares.

A bola é minha

O massagista Mario Américo havia recebido uma recomendação do doutor Paulo Machado de Carvalho: pegar a bola como lembrança. No tumulto que se seguiu ao apito final, com torcedores invadindo o campo, Mario Américo parou de atender Pelé, machucado, e saiu em disparada até ver o juiz caminhando sossegado para o vestiário. Por trás, Mario Américo deu um tapa na bola, pegou-a e sumiu. Enquanto isso, os jogadores davam a volta olímpica, carregando a bandeira sueca. Mario Américo, que tinha ido guardar a bola, percebeu que seu sonho desde 1950 – dar a volta olímpica como campeão mundial – tinha sido frustrado. Mas ele estava determinado a não perder a chance: chamou o roupeiro Francisco de Assis, que havia ficado com a bandeira da Suécia, e ordenou, com sua famosa gagueira: "Pe-pe-pega aí, A-a-ssis". E os dois, sozinhos, deram uma volta olímpica particular.

Final

BRASIL 5 x 2 SUÉCIA

Data: 29 de junho de 1958, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Solna-Rasunda, em Estocolmo
Público: 49 737 pessoas
Gols: *Liedholm* (4), *Vavá* (9 e 32 do 1º); *Pelé* (10), *Zagalo* (23), *Simonsson* (35) e *Pelé* (45 do 2º)
Brasil – *Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Orlando* e *Nilton Santos; Zito* e *Didi; Garrincha, Vavá, Pelé* e *Zagalo.*
Técnico: Vicente Feola
Suécia – *Svensson, Bergmark* e *Axbom; Borjesson, Gustavsson* e *Parling; Hamrin, Gunnar Gren, Simonsson, Liedholm* e *Skoglund.*
Técnico: George Raynor
Juiz: Maurice Guigue (França)
Auxiliares: Dusch (Alemanha Ocidental) e Gardeazabal (Espanha)

"Vamos encher esses gringos"

O capitão Bellini começou perdendo o cara-ou-coroa. E o Brasil deu a saída. George Raynor, técnico da Suécia, havia declarado que torcia por duas coisas: uma boa chuva para deixar o campo pesado e 1 gol logo no início. E suas preces foram atendidas. Choveu uma barbaridade pela manhã e aos 4 minutos do primeiro tempo a Suécia fez 1 x 0. Era a primeira vez na Copa que o Brasil saía atrás no marcador. Bellini pegou a bola no fundo do gol e a entregou para Didi, que a colocou embaixo do braço e foi caminhando com surpreendente naturalidade até círculo central. Diz o folclore que Didi falou: "Vamos encher esses gringos". Como tantas outras frases de efeito atribuídas a jogadores, essa também foi criada por jornalistas. De fato, Didi tinha motivos para estar confiante. Numa decisão corajosa, mas não muito lúcida, o técnico sueco não montara um esquema especial para deter Garrincha. Só o lateral Axbom lhe dava combate – com espaço para dominar a bola. Cinco minutos depois veio o gol de empate, nos pés de Vavá, e o Brasil passou a dominar. Aos 21 minutos, Pelé acertou o travessão de Svensson com um chute de fora da área. A resposta sueca foi assustadora: depois de um escanteio, Skoglund encobriu Gilmar e Zagalo, quase sobre a risca, salvou de cabeça. O jogo ficou equilibrado por mais 10 minutos, até que Garrincha e Vavá repetiram a jogada do primeiro gol: 2 x 1. Depois do intervalo, o Brasil voltou com tudo. Pelé fez o terceiro aos 10 minutos. Friamente, a Suécia continuava tentando impor seu jogo lento, enquanto o Brasil seguia descobrindo brechas na defesa adversária. Depois do quarto gol, foram 20 minutos de festa e troca de passes. A Suécia ainda fez o segundo gol e o Brasil, o quinto (Pelé, de cabeça). Ele caiu estendido no gramado e, enquanto era atendido, o juiz Guigue apitou o fim da partida. O Brasil era campeão e o estádio tinha virado uma grande festa. Uma hora depois, os brasileiros finalmente conseguiram chegar ao ônibus e deixar o estádio, sendo saudados em todo o trajeto até o hotel por torcedores suecos. À noite, rolou aquela festa da vitória, com tudo a que todos tinham direito – incluindo algumas animadas valquírias que deram o ar da graça no recinto.

Djalma Santos, Pelé e Garrincha: a taça do mundo é nossa

Os gols da final

SUÉCIA 1 x 0 - Aos 4 minutos do primeiro tempo, depois de uma seqüência de sete passes que começou na lateral direita da Suécia e chegou até a meia-lua da área do Brasil, Liedholm recebeu a bola, cortou primeiro Orlando e depois Bellini e chutou rasteiro, sem muita força, no canto direito de Gilmar.

BRASIL 1 x 1 - Apenas 5 minutos depois veio o gol de empate. Garrincha recebeu de Zito no bico esquerdo da grande área sueca, tendo apenas Axbom pela frente. O ponta deu um único toque na bola, correu mais que o marcador e cruzou rasteiro da linha de fundo. Pelé chegou um instante atrasado, Gustavsson raspou com o bico da chuteira na bola e, pelo meio, Vavá (de carrinho) completou para o gol.

BRASIL 2 x 1 - Ainda no primeiro tempo, aos 32 minutos, uma espécie de repetição do gol de empate. Passe de Djalma Santos no pé de Garrincha na direita, junto à linha lateral, com apenas Axbom a marcá-lo. O atacante conduziu a bola e, já dentro da área, passou de novo pelo zagueiro e cruzou da linha de fundo. Vavá completou para as redes.

BRASIL 3 x 1 - Logo aos 10 minutos do segundo tempo, o gol mais bonito do jogo (e um dos que ninguém se cansa de ver, na TV). Pelé recebeu de Nilton Santos, deu um chapéu em Bergmark na meia-lua e atirou de pé direito, sob o corpo de Svensson.

BRASIL 4 x 1 - Aos 23 minutos, após um chute de Zito, a bola espirrou na esquerda. Zagalo, um jogador franzino, conseguiu ganhar no pé-de-ferro contra o robusto Borjesson. Svensson saiu do gol e Zagalo, do bico da pequena área, cutucou por baixo.

SUÉCIA 2 x 4 - Faltando 10 minutos para o fim do tempo regulamentar, Simonsson, em posição duvidosa, recebeu na entrada da área e fez o segundo gol sueco.

BRASIL 5 x 2 - No último minuto de jogo, um cruzamento de Nilton Santos encontrou Pelé correndo pelo meio da área. De cabeça, ele encobriu o goleiro Svensson, que, numa das cenas mais engraçadas da Copa, abraçou-se à trave direita para não cair, enquanto a bola descia mansinha para o fundo do gol. Brasil campeão do mundo.

Garrincha em ação: coitados dos zagueiros suecos

DE OLHO NA TAÇA

Marca de campeão

Terminada a decisão, os jogadores brasileiros ficaram perfilados no centro do campo para ouvir o hino nacional, com Zagalo e Pelé chorando desbragadamente. Em seguida, o rei Gustavo Adolfo desceu das tribunas e entregou a taça do mundo para o capitão Bellini, em cima de um patamar de madeira. A legião de jornalistas impedia que muitos fotógrafos registrassem o momento – e um deles pediu para Bellini levantar o troféu. Bellini segurou-o com as duas mãos e ergueu-o sobre a cabeça, num gesto que, dali em diante, virou marca registrada de todos os campeões.

Números

PÚBLICO

Os 35 jogos da Copa tiveram pouco mais de 820 000 espectadores – apenas 63% da lotação. Contribuiu para isso o fato de que todos os jogos da Suécia foram transmitidos ao vivo pela TV. Os seis jogos do Brasil tiveram média de público (35 778) apenas ligeiramente inferior à dos donos da casa (39 058).

ESTATÍSTICA

No dia seguinte à final, a Fifa distribuiu uma inédita estatística da partida. O Brasil chutou 46 vezes a gol e a Suécia, 21. A Suécia cometeu 14 faltas e o Brasil, 11. O Brasil teve 13 escanteios a favor e a Suécia, 8. O ataque brasileiro duas vezes foi flagrado em impedimento e o sueco, só uma.

ARTILHEIRO

A Copa de 1958 teve 126 gols em 35 partidas, com uma média de 3,6 gols por jogo, bem abaixo dos 5,4 registrados em 1954. Com 13 gols em seis partidas, Fontaine é até hoje o maior artilheiro de um único Mundial. Na Suécia, ele fez mais gols que a soma dos segundos colocados – Pelé e Rahn (da Alemanha), com 6 cada um. Nascido em Marrakesh em 18 de agosto de 1933, o marroquino Justo Fontaine, filho de mãe espanhola e pai francês, mudou o nome para Just quando passou a jogar na França. Ele começou no Casablanca do Marrocos em 1950 e em 1953 transferiu-se para o Nice. Três anos depois assinou com o Stade de Reims, no qual permaneceu até encerrar a carreira, em 1962. Em Campeonatos Franceses, atuou 200 vezes e marcou 165 gols, tendo sido quatro vezes campeão nacional. Pela Seleção, conseguiu uma média incrível: 30 gols em 21 partidas.

Os campeões

Pela primeira vez, a Copa foi disputada num continente e vencida por um país de outro continente. Conheça aqui os craques brasileiros que começaram a escrever a vitoriosa história do nosso futebol nos campos do planeta

»Gilmar dos Santos Neves, *27 anos* (22 de agosto de 1930), do Santos. Nasceu em Santos e é o goleiro mais vitorioso da história do futebol brasileiro. Foi bicampeão mundial pelo Brasil e pelo Santos, nove vezes campeão paulista, quatro vezes campeão da Taça do Brasil e bi da Libertadores. Começou no Jabaquara, de Santos, e foi para o Corinthians em 1951. Em 1962, transferiu-se para o Santos, pelo qual jogou até abandonar a carreira, em 1969. Fez 94 jogos pela Seleção e disputou três Copas: 1958, 1962 e 1966.

»Djalma Santos, *29 anos* (27 de fevereiro de 1929), do Palmeiras. Natural de São Paulo, o lateral jogou durante 11 anos pela Portuguesa de Desportos e mais dez pelo Palmeiras. Pelos dois times, disputou 944 jogos oficiais. No fim de 1969, foi para o Atlético Paranaense e conquistou seu último título, o de campeão estadual de 1970. Lá, encerrou a carreira em 1971, aos 42 anos. Fez 98 jogos pela Seleção e marcou 3 gols (um deles contra a Hungria, na Copa de 1954). Disputou quatro Copas: 1954, 1958, 1962 e 1966.

»Hideraldo Luiz Bellini, *28 anos* (7 de junho de 1930), do Vasco. Nasceu em Itapira, interior de São Paulo, e começou como zagueiro na Desportiva Sanjoanense, de São João da Boa Vista (SP). Em 1951, foi para o Vasco, sagrando-se campeão carioca em 1952, 1956 e 1958. De 1963 a 1968 jogou pelo São Paulo, mas não ganhou títulos. Em 1968, assinou com o Atlético Paranaense, disputou uma temporada e encerrou a carreira. Introvertido fora de campo, tinha uma forte personalidade dentro dele. Disputou 51 partidas com a camisa do Brasil. Capitão da Seleção de 1958, criou o gesto de erguer a taça de campeão. Atuou também nas Copas de 1962 (como reserva) e 1966.

»Orlando Peçanha de Carvalho, *22 anos* (20 de setembro de 1935), do Vasco. Nasceu no Rio de Janeiro, começou no Fonseca, de Niterói, e em 1952 seguiu para o Vasco, pelo qual conquistou os títulos cariocas de 1956 e 1958. Em 1961, transferiu-se para o Boca Juniors e conquistou dois títulos argentinos, em 1962 e 1964. Não foi convocado para a Seleção de 1962, mas voltou ao Brasil em 1965 para jogar pelo Santos e disputou a Copa do Mundo de 1966. No Santos, ficou até 1969, sagrando-se campeão paulista em 1965, 1967 e 1968. Encerrou a carreira, aos 34 anos, no Vasco. Disputou 30 jogos como zagueiro da Seleção.

»Nilton Santos, *33 anos* (16 de maio de 1925), do Botafogo. O grande lateral esquerdo nasceu no Rio de Janeiro e só jogou no Botafogo, pelo qual disputou 716 partidas e foi quatro vezes campeão carioca. Atuou 75 vezes com a camisa da Seleção entre 1949 e 1962 e marcou três gols (um deles contra a Áustria, na Copa de 1958). Encerrou a carreira em 1964, aos 39 anos. Esteve em quatro Copas: 1950 (reserva), 1954, 1958 e 1962. Por seu arsenal de jogadas, sua classe e sua visão de jogo, foi apelidado de "A Enciclopédia do Futebol".

»Zito (José Ely de Miranda), *25 anos* (8 de agosto de 1932), do Santos. Nasceu em Roseira, então distrito de Aparecida (SP), e estreou no Taubaté. O volante transferiu-se para o Santos em 1952. Foi dez vezes campeão paulista, cinco vezes brasileiro, bi sul-americano e bi mundial interclubes. Fez 733 jogos pelo time da Vila Belmiro e encerrou a carreira em 1968, quando tinha 36 anos. Pela Seleção, disputou 46 partidas, participou das Copas de 1958, 1962 e 1966 e marcou 3 gols, mas um deles valeu por dez: o de desempate na final contra a Tchecoslováquia, em 1962.

»Garrincha (Manoel Francisco dos Santos), *24 anos* (28 de outubro de 1933), do Botafogo. O maior ponteiro-direito do Brasil nasceu em Pau Grande, distrito de Magé, interior do estado do Rio de Janeiro. Atuou por 12 anos no Botafogo, de 1953 a 1965, sendo quatro vezes campeão carioca. Depois, vestiu muitas camisas (Corinthians, Junior Barranquilla da Colômbia, Flamengo, Bangu, Olaria e diversas equipes que pagavam para tê-lo em campo por apenas um ou dois jogos). Abandonou o futebol em 1973, aos 40 anos. Pela Seleção, marcou 12 gols (4 deles na Copa de 1962 e 1 na de 1966), disputou 50 partidas oficiais e só perdeu a última, contra a Hungria, na Copa de 1966. Vítima de alcoolismo, morreu aos 49 anos, no dia 20 de janeiro de 1983.

»Didi (Valdir Pereira), *28 anos* (8 de outubro de 1929), do Botafogo. Nasceu em Campos (RJ). O clube em que o armador mais atuou foi o Fluminense (1946-1956), mas seu apogeu se deu no Botafogo (1956-1958 e 1961-1964). Foi quatro vezes campeão carioca. De 1959 a 1961, jogou pelo Real Madrid. Em 1964, transferiu-se para o São Paulo, onde encerrou a carreira dois anos mais tarde. Tornou-se técnico e dirigiu o Peru na Copa de 1970. Pela Seleção Brasileira, fez 68 partidas e marcou 20 gols. Morreu em 12 de maio de 2001, aos 71 anos.

»Vavá (Edvaldo Izídio Neto), *24 anos* (12 de outubro de 1934), do Palmeiras. Natural do Recife, começou no Sport e em 1952 assinou com o Vasco. O atacante foi um dos brasileiros mais internacionais de sua época, atuando pelo Atlético de Madri (1958-1961), Palmeiras (1961-1964), América do México (1964-1967), San Diego dos Estados Unidos (1967-1969) e Portuguesa Carioca (1969). Ganhou dois títulos cariocas e um paulista. Pela Seleção, jogou relativamente pouco, mas com excepcional aproveitamento: 20 partidas oficiais (dez em Copas) e 14 gols marcados (9 em Copas). Morreu em 19 de janeiro de 2002, aos 67 anos.

»Pelé (Edison Arantes do Nascimento), *30 anos* (23 de outubro de 1940), do Santos. Nasceu em Três Corações (MG) e começou no infantil do BAC, de Bauru (SP). Chegou ao Santos com 15 anos. Além de ser o único jogador da história a vencer três Copas, tem uma notável coleção de títulos. A seguir, apenas alguns deles. Pelo Santos, foi 11 vezes campeão paulista entre 1956 e 1973 e 11 vezes artilheiro, sendo nove delas consecutivas. Pentacampeão da Taça Brasil (1961-1965), bi da Libertadores em 1962-1963, bi mundial interclubes. Em 1974, decidiu parar de jogar, mas no ano seguinte estreou no Cosmos, de Nova York, sagrando-se campeão norte-americano de 1977 (seu último título) aos 37 anos. Em toda a carreira, disputou 1 375 jogos e marcou 1 282 gols. Pela seleção do Brasil, foram 92 jogos oficiais e 77 gols – é o maior artilheiro da história da CBF.

»Mario Jorge Lobo Zagalo, *26 anos* (9 de agosto de 1931), do Botafogo. Nasceu em Maceió e mudou-se para o Rio antes de completar 1 ano de idade. Jogou pelo América (1948-1949), Flamengo (1950-1958) e Botafogo (1958-1965), conquistando cinco títulos cariocas. Consagrou o estilo do ponta que ajuda na marcação – seu trabalho incansável em campo rendeu-lhe o apelido de Formiguinha. Foi só na década de 1990 que a moda das letras dobradas recuperou-lhe o nome da certidão de nascimento: Zagallo. Tem uma das carreiras mais longas e mais vitoriosas do futebol mundial, com troféus em cinco Copas (bi como jogador em 1958-1962, tri como técnico em 1970, tetra como auxiliar técnico em 1994, e vice de 1998, como técnico). Pela Seleção, atuou 33 vezes e marcou 5 gols (2 deles em Copas).

»Vicente Ítalo Feola, *48 anos* (1º de novembro de 1909). Natural de São Paulo, estreou como técnico em 1935, dirigindo o Sírio-Libanês e a Portuguesa Santista. Em 1936, foi para o São Paulo e ali ficou pelo resto da vida, em várias funções, com apenas três interrupções: para ser auxiliar de Flávio Costa (na Copa de 1950) e para dirigir a Seleção (1958-1961 e 1965-1966) e o Boca Juniors (1961). Como treinador do São Paulo, foi bicampeão paulista em 1948-1949. Comandou a Seleção em 74 partidas, com 54 vitórias, 12 empates e 8 derrotas. Morreu em 6 de novembro de 1975, aos 66 anos, no cargo de administrador do São Paulo.

Os outros convocados

Carlos José Castilho, *31 anos* (27 de abril de 1927), goleiro do Fluminense.
Dino Sani, *26 anos* (23 de maio de 1932), armador do São Paulo.
Dida (*Edvaldo Alves de Santa Rosa*), *24 anos* (26 de março de 1934), atacante do Flamengo.
Joel Antônio Martins, *26 anos* (23 de novembro de 1931), atacante do Flamengo.
Mauro Ramos de Oliveira, *27 anos* (30 de agosto de 1930), zagueiro do São Paulo.
Moacir Claudino Pinto, *22 anos* (18 de maio de 1936), armador do Flamengo.
Mazzola (*José João Altafini*), *19 anos* (24 de julho de 1938), atacante do Palmeiras.
Newton De Sordi, *27 anos* (14 de fevereiro de 1931), zagueiro do São Paulo.
Oreco (*Waldemar Rodrigues Martins*), *26 anos* (13 de junho de 1932), zagueiro do Corinthians.
Pepe (*José Macia*), *23 anos* (25 de fevereiro de 1935), atacante do Santos.
Zózimo Alves Calazans, *26 anos* (19 de junho de 1932), zagueiro do Bangu.

Com brasileiro não há quem possa

A volta da Seleção virou uma comemoração interminável. Éramos campeões do mundo e, como se não bastasse, todos os especialistas apostavam na conquista do bicampeonato na Copa seguinte, marcada para o Chile

No Brasil, já faltavam fogos de artifício. A semifinal contra a França tinha sido no Dia de São João e a final contra a Suécia, no de São Pedro. Horas após a decisão, os rojões e foguetes marca Caramuru ("os únicos que não dão chabu") já nem eram mais vendidos, mas leiloados. E o retorno da Seleção se transformou numa comemoração interminável. O mesmo DC-7 da Panair da ida levantou vôo de Estocolmo na manhã de 1º de julho e fez escalas técnicas em Londres, Paris e Lisboa. Nas duas primeiras, diplomatas e agregados brindaram os campeões com coquetéis e canapés, no aeroporto. Mas em Lisboa os jogadores foram gentilmente desembarcados para desfilar pelas ruas. De Portugal, o avião seguiu para o Recife. E lá – debaixo de chuva – todos desfilaram em caminhões e ouviram discursos na sede do governo pernambucano. Se o presidente Juscelino Kubitschek não tivesse mandado o avião presidencial – um Viscount – para resgatá-los, os atletas passariam o mês inteiro na cidade. Às 8 da noite de 2 de julho a delegação desceu no Galeão e empoleirou-se num carro do corpo de bombeiros para ir até o palácio do Catete, sede do governo federal, no centro do Rio de Janeiro.

Duas horas depois, a revista *O Cruzeiro*, que havia levado as famílias dos jogadores para o Rio sem que eles nem desconfiassem, desviou o caminhão e conduziu os craques para a festa da vitória, no prédio das Emissoras Associadas. O local estava cheio de convidados, inclusive a **Miss Brasil 1958**. O maestro Pixinguinha e seu conjunto Velha Guarda abrilhantaram a recepção e já passava da meia-noite quando a Seleção conseguiu seguir até o Catete, para ser recebida por Juscelino. O presidente a esperava do lado de fora com um discurso prontinho e outra multidão aplaudindo em delírio. Entre abraços, brindes e mais discursos, todos ficaram no palanque até de madrugada.

Adalgisa, a Miss Brasil 58: até ela prestigiou a grande festa da vitória

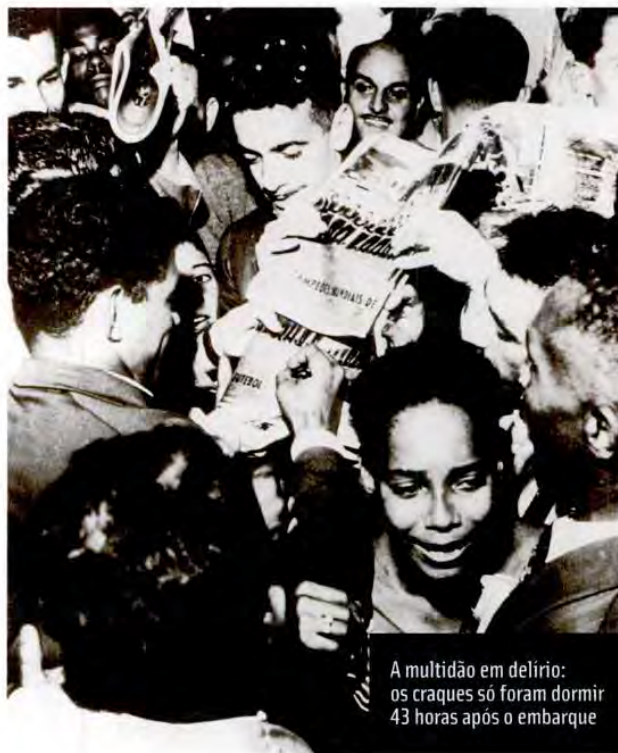
ARQUIVO CASA CANADA

Adalgisa Colombo foi eleita Miss Brasil em 1958. Naquele tempo era *chic* ser miss (e os pais ainda batizavam as filhas como Adalgisa). Na festa promovida pela revista *O Cruzeiro*, ela sapecou uma beijoca na bochecha de um Bellini visivelmente derrubado de cansaço e sono, que teve de ser penteado e empoado para sair bem na foto.

Sambando com a bola

Quando, finalmente, os jogadores conseguiram dormir – 43 horas depois do embarque na Suécia e sem trocar de roupa uma única vez –, nem chegaram a pegar no sono. Aos primeiros raios da alvorada todos os rádios já estavam tocando, no último volume, a mesma música, cantada pelo Coral do Caneco: "A taça do mundo é nossa / Com brasileiro não há quem possa / Ê–êta esquadrão de ouro / É bom de samba / É bom no couro / O brasileiro lá no estrangeiro / Mostrou o futebol como é que é / Ganhou a taça do mundo / Sambando com a bola no pé / Goool!". A composição, curtinha, parecia

JB/CAMPANELLA NETO

Comemoração sem fim: faltaram até fogos de artifício no Brasil

A multidão em delírio: os craques só foram dormir 43 horas após o embarque

mais um *jingle*, e era mesmo: seus autores, Victor Dagô, Lauro Müller, Wagner Maugeri e Maugeri Sobrinho, eram publicitários. O jornalista e compositor paulista Alfredo Borba também lançou uma marcha-homenagem, com cara de um hino patriótico: "Verde, amarelo, cor de anil / São as cores do Brasil / Vencemos o mundo inteiro / Maior no futebol é o brasileiro / Salve a CBD / Jogadores, diretores / Salve a raça varonil / Campeão do mundo, Brasil!".

O sucesso da Seleção não podia apenas ser ouvido, mas também vendido. A fábrica de camisas Detex ofereceu a cada atleta seis camisas sociais de popeline, de fino acabamento. E publicou nos jornais paulistas o fac-símile do telegrama enviado ao doutor Paulo Machado de Carvalho, na Suécia – o preço dos anúncios era muitas vezes maior do que o valor da gentil oferta. Dezenas de outras empresas, que fabricavam de bicicletas a sofás-cama, aproveitaram a fama dos campeões, transformando-os em garotos-propaganda. Na primeira semana após a Copa já havia três álbuns de figurinhas no mercado, mas os jogadores não viram um centavo sequer das receitas. Como prêmio pela conquista da Copa, cada um recebeu da CBD uma gratificação igual a um mês de salário. Mas naquele tempo era assim mesmo. Para os torcedores, o que importava é que o Brasil era campeão. E, nos quatro anos seguintes, não houve jornalista ou torcedor, no mundo inteiro, que não apontasse a nossa Seleção como favorita para conquistar também a Copa de 1962, no Chile.

"O melhor do Brasil é o brasileiro" provém de obra de Câmara Cascudo.

W/Brasil

Hot Pocket® Sadia tem 4 novos sabores. Você e o microondas vão ser inseparáveis.

Hot Pocket® é o lanche para microondas da Sadia. Fica pronto em dois minutos, direto do freezer para o microondas. Sai quentinho, douradinho, delicioso. E agora tem 4 novos sabores: Calabresa com Requeijão, Quatro Queijos, Palmito e Peito de Peru com Requeijão. Hot Pocket® Sadia. Melhor que feito na hora, é feito em minutos.

---

www.hotpocket.com.br